

James Capelli

O Trombone



James Capelli

O Trombone

2023

Projeto cultural: Instituto Melhores Dias
Editora: Barbosa Lima Editores
Autor / produção de texto: James Capelli
Revisão de texto: Aiir Studio
Projeto gráfico: Francis Lima
Ilustração: Pri Santos
Coordenação editorial: Carmel
Assessoria cultural: Barbosa Lima Produtores

APRESENTAÇÃO



PATROCÍNIO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Capelli, James

O trombone / James Capelli ; ilustração Pri Santos. -- 1. ed. -- São Paulo : Barbosa Lima Editores, 2023.

ISBN 978-85-63669-04-9

1. Literatura infantojuvenil I. Santos, Pri.
II. Título.

23-156991

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

REALIZAÇÃO



Educar é o caminho para incluir

Este livro é uma realização do **Instituto Melhores Dias (IMD)**, uma **OSC (Organização da Sociedade Civil)** sem fins lucrativos, que atua no Brasil desde 1993, trabalhando para melhorar comunidades por meio de parcerias e programas voltados para qualidade de vida de adultos e crianças.

O **IMD** se empenha para que brasileiras e brasileiros tenham um futuro melhor, com mais educação e oportunidades. Isso pode ser conferido nas páginas a seguir do livro **O Trombone**: trata-se de uma história que propõe reflexão sobre inclusão, autossuperação, amizade e companheirismo, permitindo que os leitores tenham um olhar diferenciado e inovador para questões cotidianas que podem ser mudadas para melhor com informação e inspiração.

Nos programas que desenvolve, o **IMD** promove mudanças de hábitos nas comunidades, aumenta o conhecimento sobre comportamentos mais saudáveis, conscientiza sobre qualidade de vida, sustentabilidade e prevenção de doenças.

Os resultados são conquistados por meio de parcerias sólidas com empresas e fundações nacionais e internacionais, que se identificam com a nossa organização e investem em iniciativas como esta, viabilizada graças a incentivo de lei.

Tenha uma boa leitura.

Instituto Melhores Dias
melhoresdias.org.br

Inspiração para transformar

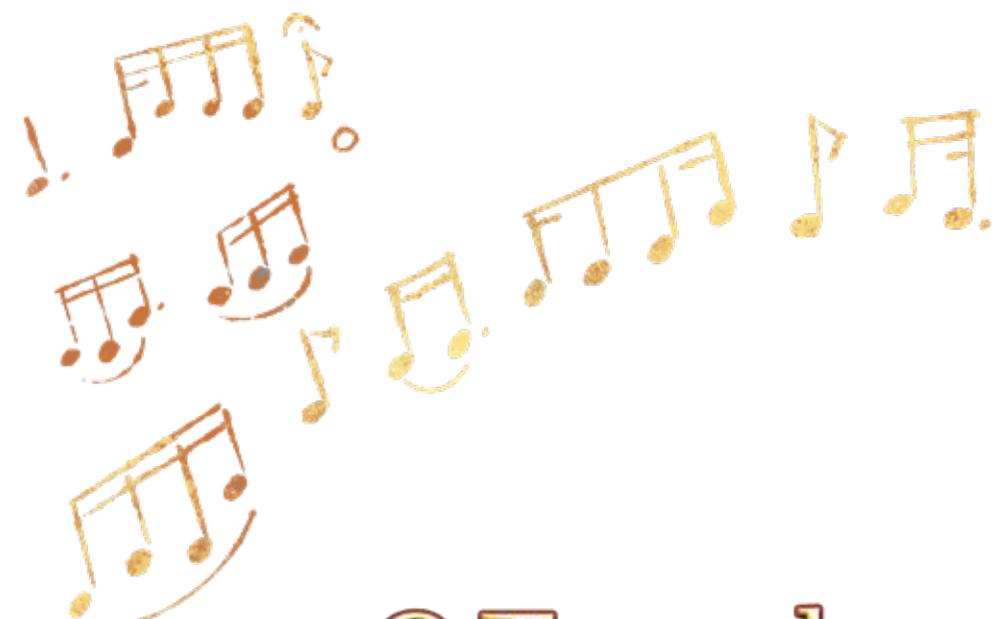
Celebramos a criação de mais esta obra do **Instituto Melhores Dias (IMD)**, com a qual tivemos a honra de colaborar. Acreditamos que, nos dias de hoje, a inclusão não pode mais ser tratada apenas como um tema para reflexões abstratas. Para nós, a inclusão social é, antes de tudo, a plataforma capaz de impulsionar ações que provoquem mudanças concretas na estrutura da sociedade, de modo a dar voz a uma imensa camada da população, por muito tempo silenciada.

Projetos voltados à inclusão figuram entre nossas prioridades. Enxergamos a inclusão como acesso e, como uma empresa que tem como principal propósito dar acesso a melhor qualidade de vida por meio da saúde, entendemos como fundamental o apoio efetivo a projetos como este que vocês têm em mãos agora.

Cabe às empresas, enquanto integrantes ativos da sociedade, refletir sobre o seu papel social e partir para a ação, apoiando e incentivando instituições que, como **IMD**, vêm exercendo um papel efetivo de transformação.

Uma transformação que pode acontecer, inclusive, a partir da inspiração, como é a história de Padma e seu trombone. Ao viabilizar esse projeto e compartilhar este livro com jovens da rede pública de ensino, estamos, junto com o **IMD**, plantando as sementes de um pensamento mais inclusivo e humanizado, dando a eles acesso a um novo jeito de enxergar o mundo e contribuindo com a construção de um futuro melhor para todos.

Allcare Gestora de Saúde
www.allcare.com.br



O Trombone





Era o quarto ou quinto parto daquele médico só naquele dia.

Sistema público de saúde, enfermarias lotadas, mas para o doutor, o que aconteceu foi uma combinação maldita que jogou todas as mulheres grávidas do planeta no plantão dele.

Até ali tudo tinha corrido bem.

O nenê viria como os outros: parto natural.

- A senhora fez ultrassom na gestação?

- O quê? Não, doutor. Fiz isso não. Fiz tudo certinho. Comi bem, não bebo, nem fumo.

- Deixa para lá, faça força.

Mãe fazendo força, enfermeiras andando para lá e para cá, ele de olho na criança que viria.

Veio.

É um menino.

Corte no cordão.

Passa para enfermeira neonatal, tapa no bumbum...

Nada.

Tapa no bumbum, nada

Tapa no bumbum, nada.

- Ô Gislaine, você está com raiva da criança?

- Ela não chora, doutor.

- Ah, só me faltava essa! Às oito da noite! E eu achando que iria embora...

O médico pegou o bebê. Olhou, assoprou o rostinho, olhou de novo...

- Peraí, Gislaine, ele tá chorando, sim. Só que não faz barulho.

Isso mesmo, doutor. Acabava de nascer a mais muda das crianças daquela maternidade nos últimos anos. Ela não fazia nenhum som.

O garoto foi para a pediatria. Fizeram um monte de testes.

- Nada, neca de pitibiribas.

Foi o que disse a enfermeira para a mãe.

- Mas tirando isso, ele é um menino bem fortinho e saudável. Só veio faltando o sistema de som. Ele ouve.

Completo a pouco sensível, muito cansada e de saco cheio, profissional da saúde.

A mãe também não ligou muito.

A vida já estava difícil! Dificuldade a mais ou a menos. O bebê não era para vir agora. Aliás, não era para vir.

O pai era um tremendo cachaceiro. Mais cedo ou mais tarde iria morrer de tanta canjibrina, mé, branquinha, seja lá qual for o apelido para a pinga de toda hora dele.

A mãe estava esperando a carta de alforria para tentar a sorte em outro relacionamento.

Só que se descuidou e...

- A vida é difícil!

Falou baixinho.

- É o seu primeiro?

Perguntou a enfermeira.

- É, sim!

Ela já tinha 30 anos de idade. Fazia 10 que havia se mudado para a cidade com o marido bebum.

- Mas a cachaça tomou conta do homem só nos últimos cinco anos.

Ela falou para a enfermeira desinteressada, que colocou o bebê sem som ao lado dela.

- Já decidiu o nome?

- Não. Não sabia se ia ser menino ou menina. Preferia menina, mas já que veio assim, deixa o pai decidir.

Péssima ideia.

Dias depois, no cartório, o bebum deu seu show:

- Padma.

- O quê?

Perguntou assustado o moço do cartório.

- Padma, registra aí.

- Não posso, é um nome esquisito.

- Mas eu vi num... Vi numa... É coisa de índio, que dizer, da Índia. Uhuhuhuhu!

O pai cachaceiro bateu a mão na boca imitando índio. Parou e vomitou no balcão. Tinha exagerado na comemoração quando soube que nasceu o primogênito.

O pessoal do cartório abriu uma rodinha para se afastar daquela sujeirada, do cheiro azedo e do homem balançando de um lado para o outro, como se fosse capitão de navio em alto mar.

O moço do outro lado do balcão topou fazer qualquer coisa para se livrar do estrupício.

- Ah! Saco! Tá bom! Vou registrar, Padma. Padma do quê? Não dá para ler sua identidade, ela ficou imunda embaixo do seu vômito.

Quando ele falou vômito, fez um “uhg”, como se fosse vomitar também, mas tomou ar e continuou:

- Não vou pôr a mão nisso. Fala seu sobrenome que eu registro e o senhor vai embora.

O capitão da cachaça, balançando, com cara de enjoo marítimo, tentou esclarecer.

- Cos...

-Cos? Seu sobrenome é Cos? Parece que é isso mesmo aqui no documento. Parece...

Na verdade, era Costa. O bebum até tentou explicar, mas não deu certo:

- Cost. Cos... Tá.

Louco para dar fim no atendimento, o moço fez o documento, com nome e sobrenome novinhos em folha:

- Padma Cos. OK! Tá aqui a certidão, mas cai fora, cai fora...

Assim surgiu oficialmente, de papel passado e sacramentado: Padma Cos. Filho de Turíbio Cos (ele colocou o nome do pai errado também) e Janaína Flor Costa.

Uma alegria e uma tragédia: na saída do cartório, ainda imitando índios e pulando numa perna só, o Turíbio foi atropelado.

O caminhão nem parou para ver o estrago. Ninguém anotou a placa. Não sobrou nada inteiro, só a certidão de nascimento.

Que foi entregue para dona Janaína, junto com alguns pertences do falecido.

Pouca gente foi ao velório e ao enterro: meia dúzia de vizinhos, a patroa da Janaína e só.

O casal tinha vindo de outra cidade, de outro Estado, bem de longe, em busca de melhor sorte.

Janaína e Turíbio não acharam sorte em nada...

Só o falecido achou algo que adorou: o hábito de encher a cara.

- Padma Cos? Isso parece nome de menina da Índia, Janaína.

Quem explicou foi a dona Ruth, patroa da Janaína. A mãe de Padma era empregada doméstica.

Trabalhava há 15 anos na mesma casa. Dona Ruth era aposentada, viúva e morava sozinha. Os filhos já tinham suas próprias famílias. Apareciam pouco.

Muito pouco.

- Dona Ruth, e agora?

- Agora deixa. Padma é Padma e ponto. E com sobrenome Cos. Seu nome está certo aqui na certidão de nascimento dele. O nome do seu marido é que ficou Turíbio Cos. Você procurou o médico para se informar dessa falta de som? Fez como eu falei?

- Fiz, dona Ruth, mas perdi o dia inteiro na fila. E o doutor falou que o Padma nasceu com a garganta e com as cordas vocais com defeito. Ele não tem como falar. Nem como emitir sons. Disse que o caso dele é raro. Ele vai ser mudo para sempre. Mudinho. Coitado.

- Coitado nada, Jana. Ele vai aprender a se virar. E vai saber dar seu recado. Só depende de aprender a fazer isso. Existe a linguagem de sinais. Ele é um menino saudável, esperto...

Mas para a mãe, o garoto tinha vindo com defeito:

- Cruz, credo, coitado!

Coitado: essa foi a sina do Padma.

A mãe não o deixava ser normal, coitado.

Não deixava sair de casa, coitado.

Brincar com outras criancinhas, nem pensar...

- Coitado! Ele é totalmente mudinho.

A mãe vivia repetindo isso.

- Meio bobinho...

Ela completava com certo amargor por ter um filho silencioso.

Enfim, Janaína não 'botava' a menor fé no Padma.

Apostava que ele não ia ser nada além de coitado.

Só porque ele era quietinho. Mudinho, como ela fazia questão de denominar.

- Sem nenhum sonzinho. Coitado...

Quando Padma fez cinco anos, dona Ruth teve uma ideia: marcar a existência sonora do Padma.

Deu um apito de presente pro menino.
Um lindo apito de metal prateado.

PRÍÍÍÍÍÍÍÍÍÍ!
Começou a partida do Padma contra o silêncio!

Era
PRÍÍÍÍÍÍÍÍÍÍ!
Para cá

Era
PRÍÍÍÍÍÍÍÍÍÍ!
Prá lá

Lá ia o Padma.
A cachorrada correndo de medo do barulho.

A vizinha malcriada gritando:
- Que inferno de apito! Esse menino é um desgraçado!

A mãe comentava com a patroa:
- Esse aí vai ser juiz de futebol, dona Ruth.

- Vai nada, Jana. Ele vai ser o que ele quiser.
Era legal essa dona Ruth, ela não acreditava em limitações. Sabia que as pessoas têm o poder de se superar, mas precisam de um empurrãozinho. Ou de um apito.

PRÍPIPI, PRÍPIPI, PÍPIPI, PÍPIPI, PÍPIPI...

Mesmo pequenino, Padma demonstrava uma consciência rítmica incrível. Ele fazia combinações espetaculares de trinado no apito. Mesmo sendo um tom único, ele alternava respiração com intensidade, velocidade do sopro com movimentos de língua e criava algo diferente. Parecia música.

- Esse menino faz música com o apito, Jana, você já reparou?

- Para mim, que aguento isso o dia inteiro, é barulho, dona Ruth. Insuportável!

- Você que pega no pé do menino, Janaína, e não escuta o talento dele...

Quando Padma completou seis anos de idade, não teve jeito da mãe interferir e ir contra.

Chegou o dia de ele ir para a escola.

Na verdade, foi dona Ruth quem insistiu e fez tudo: matriculou na escola perto da casa dela, colocou uniforme, comprou lancheira e uma fita linda para ele pendurar o apito no pescoço.

A mãe achou um absurdo mandar o ‘mudinho’ para a aula:

- Não vejo motivo, dona Ruth. Ele não vai aprender nada. E, se aprender, não vai contar nada para mim. Nem para ninguém. Acho até que ele é meio burrinho, coitado. Só sabe apitar. E tá parecendo juiz de futebol com essa roupinha e apitinho no pescoço.

- Deixa que a professora dele é quem vai decidir, Jana. E outra coisa: ele vai ficar a manhã toda lá. Você reclama tanto dele... Vai ter uma folga. Fique feliz de ele ir para aula!

- É, mas não quero passar vergonha...

- Que isso, Jana? O menino é lindo, bonzinho, esperto, talentoso...

- Quietinho, mudinho.
Completou a mãe com desdém.



- Olha, Jana, chega de reclamar do Padma! Eu tenho meus dois filhos crescidos, criados, com as famílias deles já construídas.

Eles fizeram muita coisa certa e muita coisa errada. Mas eu não me envergonho de nada. Tenho orgulho de tudo, porque são meus filhos, lindos! Você tem que ver seu filho assim, também. Ele saiu de você! Ele não fala, mas pensa, sente e ele é inteligente, Janaína.

- Metade dele quem fez foi aquele bêbado que me deixou sozinha. Aposto que foi o excesso de cachaça que deixou esse menino assim. O coisa ruim passou o defeito para o menino. E ainda botou esse nome esquisito, de índia, no menino. Vão rir dele. Tenho certeza! Vão me chamar nessa escola para mandar eu tirar ele de lá. Quer apostar?

- Quero. Tá apostado. O Padma vai levar a cultura hindu para aula. Não é de índia o nome dele, é do país Índia. Se a professora quiser, vai ter chance de ensinar de onde vem o nome Padma. Vai poder falar desse país lindo e exótico que é a Índia.

-Vai ter nada disso não, dona Ruth. Vai ter dor de cabeça. Vou levar ele para aula só para senhora ver, dona Ruth...

PRÍPIRÍPIRÍÍÍ....

Padma encerrou a discussão entre a mãe e dona Ruth com um trinado lindo, triste, encantador.

Até o cachorro da dona Ruth, que implicava com o Padma e com o apito dele, ficou sentado olhando, com o rabo abanando.

Foi um som muito bonito, mas indescritível em palavras. Ainda mais essas palavras aqui, assim, escritas em papel de livro, que são palavras sem som.

Depois do apito, fez-se silêncio na sala. Uma lágrima correu pelo rosto da dona Ruth. O menino sabia que a mãe não botava fé nele.

Janaína puxou Padma pelo braço.

- Anda moleque. Não quero que você se atrase logo no primeiro e único dia. Porque acho que essa bobagem de escola acaba hoje. Ainda se fosse escola para criança muda, surda ou boba, vá lá...

Janaína não era violenta. Não batia. Não gritava. Não maltratava. O Padma era limpinho, bem alimentado, arrumadinho. Ninguém, nunca, poderia reclamar que Janaína maltratava fisicamente do menino.

Mas ele não ganhava abraço. Nem beijo. Nem carinho. Nem elogio. Muito menos estímulo. Era cuidadora e menino. Não era mãe e filho. Triste assim... Como o trinado que ele tirou do apito. Todo mundo que ouviu, entendeu.



**E lá se foi Padma, portão adentro da escola.
Primeiro dia: acolhimento.
Os novos alunos foram todos colocados no pátio.**

Uma mulher com cara redonda chegou com uma lista nas mãos e começou a gritar:

- Abigail Áurea Cruz, primeiro A, fila 1 com a professora Sílvia; Aílton Bernardo, primeiro A, fila 1, ali com a professora Sílvia...

A moça gritava, as crianças, com os nomes listados em ordem alfabética, respondiam. A professora acenava e elas iam para fila.

Levou um bom tempo até a mulher chegar na letra P e se engasgar com o nome diferente:

- Pa... Quê? Padima? Tá certo isso aqui? Tá?
Ninguém respondeu.

- Ok. Então tá. Padma Cos. Primeiro D, fila 4, com a professora Clotilde. Padma? Padma? Isso é pegadinha gente, não tem ninguém com esse nome!

PRÍÍÍÍÍÍÍÍ!

- O que que é isso, minha gente? Esse garoto está apitando?

PRÍÍÍÍÍÍÍÍÍ!

- Meu filho, você é o Padma?

PRÍÍÍÍÍÍÍÍÍ!

- Responde!

PRÍÍÍÍÍÍÍÍÍ!

- Encrenqueiro. Quer que eu chame sua mãe logo no primeiro dia?

Tadinho do Padma, ele entrou em pânico. Sabia que se ligassem da escola para a mãe, nunca mais ele voltaria e ele estava achando aquilo tudo o máximo! Ele nunca tinha visto tanta criança junta.

A vidinha dele era: de manhãzinha, sair do quarto-sala que morava com a mãe na Vila, tomar ônibus e ir para casa da dona Ruth. No finalzinho da tarde, tomar ônibus com a mãe e voltar para o quarto-sala. Pouquíssima emoção, brincadeira, agitação.

Padma tirou o apito da boca e começou a gesticular. Queria fazer mímica para explicar que não podia falar, mas não tinha ideia de como fazer aquilo.

Balançava os braços, apontava a boca, fazia não com o dedo, segurava a garganta, como se estivesse se estrangulando e fazia não com o dedo.

- É encrenqueiro, sim. Vai para a diretoria falar com a dona Eunice.

Mas a professora com cara de maravilhosa, boazinha e dedicada, entreviu:

- Peraí, Doroti. Ele está tentando explicar alguma coisa.

- O quê, Clotilde? Que ele é maluco?

Padma respirou fundo. Olhou para o apito, para as duas mulheres e fez tudo que poderia fazer em termos de som com o apito. Era uma mistura de ritmo com melodia, embora seja muito difícil se pensar em melodia com apito, mas era quase uma música. Uma música de súplica, de desespero. Um pedido de atenção. O barulho alto das vozes das crianças no pátio foi diminuindo,

diminuindo, até que parou. Só sobrou o som do apito do Padma. E quando ele acabou, as crianças bateram palmas.

- Acho que ele está pedindo ajuda, Doroti. É um sinal de SOS desse menino.

- Então assume, Clotilde. Toma que o aluno é teu!

A “prô” Clotilde foi até o garoto e perguntou:

- Você não quer falar?

Ele fez que não com a cabeça e, logo depois, que sim ao mesmo tempo.

- Não é que você não quer. É que você não pode. É isso?

Um mundo maravilhoso se iluminou diante de Padma. A professora Clotilde era um anjo, capaz de entendê-lo. Igual à dona Ruth.

- Meu Deus! Você é mudo.

Padma balançou a cabeça aprovando e ainda fez sinal positivo com as duas mãos. Ele estava salvo de voltar para casa e ficar fora daquela escola cheia de crianças.

- Meu Deus, eu nunca trabalhei com criança portadora de necessidade e atenção especial. O que vou fazer? Doroti, chama a Eunice.

A professora Clotilde era a única que chamava a diretora pelo primeiro nome, assim, sem dona ou senhora, sem cerimônia.

Ela era a mais experiente das professoras. Poderia ser coordenadora pedagógica, diretora ou qualquer outra coisa de salário maior, mas nunca quis. O negócio dela era ensinar as crianças.

- Então, Clotilde, a dona Ruth falou que é o filho da empregada dela. Aqui na nossa rede de ensino, você sabe como é com criança que tem deficiência... Mas a Ruth falou que o garoto é esperto e a Ruth é professora aposentada, sabe avaliar.

- Eu sei, Eunice. Eu e a Ruth demos aulas juntas.

- Então, Clotilde, eu não posso exigir que você aceite, mas, sabe, quando a gente fez a divisão de classes, eu pejei para colocar ele na sua turma. Se você assumir, vai ser difícil, mas, coitado, olha lá:

O Padma estava no meio de um monte de crianças, feliz da vida. Os alunos mexiam no apito dele, cutucavam ele e vários até já ensaiavam sinais com as mãos para entabular alguma comunicação.

- Ok, Eunice. As crianças sempre ensinam a gente. Eu estou velha para aprender, mas vou segurar esse rojão. Só que preciso de apoio: livro de linguagem de sinais, quero que alguém me consiga um especialista para eu conversar, quero...

- Tudo bem, Clotilde. Eu só queria ouvir que você assumiria ele. Ele tem sorte. A gente vai fazer tudo o que for possível.

Ninguém fez nada.

Exceto a “prô” Clotilde. E os colegas do Padma. O garoto foi acolhido sem preconceito, sem humilhação, sem nenhuma criança pensar em chamar ele de coitado.

Os anos passaram rápido. Os apitos também.

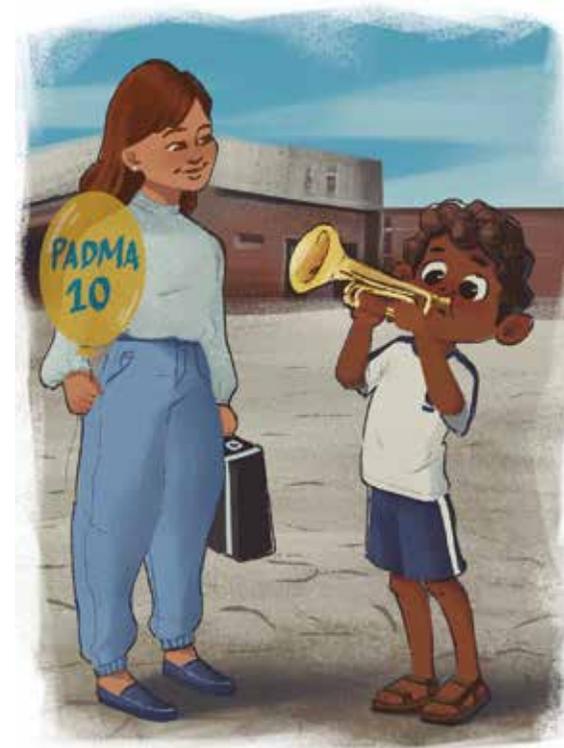


Quando Padma fez 10 anos, a “prô” Clotilde, que já tinha virado tia Clotilde, apareceu na escola com uma corneta.

Era da época que as escolas mantinham bandas. As bandas acabaram. A sala das bandas e os professores de música também acabaram. Os instrumentos se deterioraram. Mas a tia Clotilde guardou algumas coisas.

- Eu tinha em casa um repique, um metalofone e essa corneta. Acho que você vai se dar bem com ela, Padma.

Foi o melhor presente de aniversário que alguém poderia dar para o menino que não falava. Ele ia de mal a pior no sistema de sinais, mas ia de vento em popa com os sons do apito. Ele sempre conseguia se fazer entender.



No início, a corneta foi um desafio. Ele assoprava, assoprava, mas o som não saía. Ou saía fraco. O lábio inchava. Chegou até a sangrar.

A mãe decidiu encostar o instrumento antes que Padma desse trabalho.

- Vou ter que levar esse moleque no médico. Parece que uma abelha picou a boca dele, de tão inchada que tá. E essa corneta só faz puó, puó, puó. Melhor ficar no apito, que ele já domina.

Dona Ruth, por outro lado, gostou da ideia de um novo som e de um instrumento com mais recursos e conseguiu um disco com toques militares de corneta.

O problema foi arranjar uma vitrola que tocasse um disco de vinil. Sabe o que são essas coisas?

O pai de um coleguinha do Padma emprestou uma vitrolinha que ele tinha desde pequeno. Era velha, mas funcionava.

Quando Padma colocou a agulha sobre o disco, ele se encantou. Toque de recolher, de avançar, de bandeira, de alvorada, ordem unida. Eram sons e mais sons.

Na casa dele não havia aparelhos de som. Só televisão. Nem a mãe, nem dona Ruth eram muito ligadas em música. O negócio delas era noticiário e novelas.

O gigante ficou adormecido até Padma encostar a agulha no vinil. Já no primeiro som, um músico brilhante e sensível foi desperto.

Padma quase furou o vinil de tanto ouvir.

E um dia, do nada, o puó da corneta mudou completamente. Virou uma tatarátátá. Forte vigoroso. Tá, ta, ta. Rá, rá, rá. Tu, to, tu.

Em uma semana, os sons viraram toques iguaizinhos aos do disco. Iguais não, melhores.

Em um mês, os toques do Padma viraram música. Belíssima música dentro das limitações de uma corneta.

O apito foi aposentado.

A corneta ganhou uma fita e passou a andar à tiracolo.

Na aula, no recreio, na rua e até para chamar o ônibus, Padma colocava a corneta na boca e arrepiava.

Realmente, arrepiava. Todo mundo que ouvia ficava arrepiado com o som límpido, claro e emocionante da corneta do Padma.

Menos a mãe, dona Janaína.

- Em casa tá proibido. Se tocar esse trambolho, os vizinhos vão reclamar. Aqui na casa da dona Ruth, tudo bem. Ela não liga para o que os outros falam.

Ela é uma pessoa de posses. Ninguém vai se meter com ela. Mas lá na Vila, se alguém encrençar, a gente é que vai ter que sair.

TÓTORÓÓÓÓÓÓ, TÓTORÓÓÓÓÓÓ.

- Para com isso, moleque!



Padma foi crescendo. A escola era o mundo dele. Lá, todo mundo conhecia Padma Cos. Ou PÁUA TÓSHHH. Ele conseguia tirar um som da corneta parecido com seu nome.

Nas competições esportivas, Padma animava a galera. Nas festas da escola, ele fazia um som. Ele só não ia à casa de nenhum colega. Nunca. A mãe não deixava.

- Eles são de outro nível, meu filho. A gente tem que saber onde é o nosso lugar. E nosso lugar não é com o pessoal aqui do bairro da dona Ruth.

A vidinha continuava a mesma: casa da mãe, ônibus, casa da dona Ruth, escola, casa da dona Ruth, ônibus, casa da mãe.

Com o passar dos anos, o trânsito foi ficando cada vez pior. Padma e Janaína saíam cada dia mais cedo e voltavam cada noite mais tarde. Dona Ruth começou a insistir para que Janaína e Padma se mudassem para a casa dela.

- Tem quarto sobrando aqui. Eu tô ficando mais velha. Assim vocês ficam mais tempo comigo...

Padma não tinha grandes amigos, nem namoradas. A mãe não deixava.

- Trabalho em grupo? Nem pensar. A gente não tem dinheiro pro material.

- Eu pago, Jana.

- Mesmo assim, nem pensar. Vou passar vergonha. Imagina esse corneteiro na casa dos outros?

E nada de trabalho em grupo ou vida social.

Padma se apaixonou somente uma vez. Por uma garota linda de sua classe. Mas a menina parecia com a mãe dele (Freud explica): destratava e não gostava de Padma porque ele era diferente.

Era a única da turma que se comportava assim. Ela chegou bem depois dos outros colegas. Veio transferida de uma escola particular. A garotada dizia que o pai dela perdeu dinheiro, deixou de ser rico e trocou ela do colégio particular, que era muito caro, para a escola pública.

- Isso deixou a menina meio revoltada!
Dizia dona Eunice.

Padma tocava corneta para ela. A garota gostava, mas não admitia. Não queria se envolver com o menino diferente, que não falava.

-Tonta!
Era isso que a tia Clotilde resmungava quando os outros colegas de Padma comentavam sobre a garota com ela, que, há tempos, havia deixado de ser professora do Padma.
Ele foi para o ensino médio e ela continuava no ensino fundamental.

Mas Clotilde realmente assumiu o garoto. Visitava ele sempre na casa da dona Ruth. Elas ficaram muito amigas – coisa que não eram quando deram aulas juntas.

Janaína tinha uma ponta de inveja da atenção que o filho recebia.
- Imagina se ele fosse normal... Aí ninguém ia dar bola para ele. Só porque ele é mudinho, lerdinho.

Mas nunca foi lerdo, não. O garoto – agora rapaz – ia muito bem na escola. Notas boas, boa disciplina.
- Uma gracinha!
Dizia dona Eunice, diretora da escola fazia 15 anos!

Por falar em 15 anos, quando Padma se aproximava do dia de atingir a plena

adolescência, Dona Ruth (já velhinha) quis fazer uma festa para ele.
- É a idade dos namoricos, Jana. Deixa!
- Nada disso.
- Eu vou arcar com as despesas, Jana.
- Não!

Dona Ruth encontrou um outro jeito de marcar a data.
- Vou comprar um belo presente!

Arrumou uma aliada. A amiga tia Clotilde.
Elas juntaram o dinheirinho e foram para o centro da cidade. Voltaram com uma maleta grande de couro. Bonita, imponente, enigmática.

Quer dizer, para quem está lendo agora e prestou atenção no nome deste livro, não é tão enigmática assim: basta juntar as peças... Este livro chama-se Trombone... Trombone vem num 'case' ou maleta...

Bom, mas para Padma, a maleta era muito enigmática.

Dia de aniversário! Dia de completar 15 anos!
Depois da aula, Padma ganhou bolo, refrigerante, parabéns e a maleta de couro com uma fita. Abriu e: surpresa!

Ele ganhou um trombone de vara!

Olhou, olhou, olhou. Pensou, retirou o instrumento do estojo, pensou mais um pouco nas peças que não estavam juntas e foi concluindo como montar o trombone. Colocou o bocal, acertou a vara e já começou a assoprar.

UUUÓÓÓÓÓUUUUÓÓÓÓ.

Conforme ele esticava ou puxava a vara, o som ficava mais grave ou agudo. Rapidamente, ele começou a parar em alguns pontos.

Padma encontrava marcações no instrumento, que indicavam exatamente o lugar das notas: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si!

Pronto! Imediatamente, de ouvido, ele tocou um belíssimo ‘Parabéns a Você’ com o novo instrumento.

Dona Ruth e tia Clotilde ficaram com os olhos cheios de lágrimas. Janaína resmungou que o barulho iria aumentar.

Aumentou mesmo. Sofisticou. Profissionalizou.

Padma nunca estudou música. Não sabia ler partitura. Se tinha problemas nas cordas vocais e na garganta, com os ouvidos era outra história: ele era um privilegiado. Ouvia e via os sons, a música, entendia tudo de um jeito diferente e rápido.

Ele finalmente aprendeu o sistema de libras, a linguagem dos sinais, mas preferia se comunicar por sons. Não de palavras, de voz, mas sons que representavam o que ele queria dizer ou com as músicas.

Padma passou a usar o trombone como meio de expressão. As músicas eram um caso à parte. Formavam a trilha sonora de seus sentimentos.

O que ele queria dizer, dizia com as canções que conhecia ou com algumas que ele nem conhecia e que inventava na hora. Um grande talento do rapaz era achar a música certa para cada pessoa.

Isso é difícil de explicar com palavras escritas e não com sons, mas era mais ou menos o seguinte: pense em uma música que você gosta. Uma que você acha bonita.

Pois é, se Padma estivesse por perto, ele começaria a assoprar no trombone o som que está na sua cabeça agora. Sem você falar para ele. Mesmo quando as pessoas não tinham ou não conheciam músicas para ser preferidas, o Padma achava o som certo para o sentimento. Está triste? O som alegrava. Ou ficava triste junto. Estava desanimado? Precisava de um amigo? Conforto? Bronca? Padma tinha repertório.



Com isso, o moço do trombone ganhou fama no bairro. As pessoas paravam na frente da casa de dona Ruth para ouvir as melodias maravilhosas que saíam de lá.

Padma ganhava um dinheirinho tocando em um restaurante nos finais de semana.

- A comida daqui é ruim, mas a música é excelente.

Esse era o comentário mais comum na Cantina Brava, que ficava a cinco quarteirões da casa de dona Ruth.

Nessa época, ela já estava bem velhinha. Janaína e o filho poucas vezes voltavam para casa. Passavam a maioria dos dias e das noites na casa da dona Ruth. Elas vendo TV e Padma no Trombone até as oito da noite, no máximo. Depois, ele ia para o computador, ouvir e baixar músicas, estudar sons, aprender.

Padma e a mãe passaram a ficar mais por ali para cuidar melhor da Dona Ruth e do cachorro que o Padma levou para dentro, quando o velho Rabugento faleceu.

O novo Rabugento adorava a velhinha e odiava Padma e o trombone. Era igualzinho ao antecessor. E ficou grandão também.

Padma estava com 17 anos. Já havia terminado o colegial. Mas a mãe não o deixou fazer faculdade. Dizia o de sempre: que não tinha dinheiro para isso, que ele ia passar vergonha etcetera e tal. Dona Ruth já não tinha energia para discutir.

Ele tocava e estudava o trombone o dia todo. A vizinhança ficava encantada. Ninguém xingava nem reclamava de barulho. O que mais se ouvia do outro lado dos muros era:

- Toca aquela música do...

Padma tocava.

Um dia, no meio da tarde, saiu de dentro da casa um som triste, triste, triste de doer. Quem ouviu, chorou. Quem não ouviu ficou curioso quando comentaram. Até o Rabugento uivou.

Janaína saiu apressada. Bateu na porta da vizinha.

- Oi Janaína, que foi, está assustada? A música do seu filho hoje está maravilhosa, mas muito triste. O que foi que...

- Dona Ruth morreu!

- Meu Deus! Coitada.

- Ela disse que ia deitar um pouco, depois do almoço. Aí ficou lá na cama mais que o normal. Ela sempre se levanta às duas da tarde. Agora há pouco, o Padma foi ver se ela estava bem e veio aquela buzinação triste. Dona Ruth morreu dormindo!

Janaína começou a chorar. Padma soltou o ar no trombone. A rua inteira chorou.

Dona Ruth reservou uma surpresa pós morte para a empregada e o filho. Ela deixou um testamento. Fez questão de deixar a casa em que vivia para os dois.

“Meus filhos estão bem. Minhas netas crescidas. Aparecem cada vez menos. Não se preocupam comigo. Nem deveriam. Sabem que sempre fui muito bem cuidada e acompanhada. Nos últimos anos, vivi grandes alegrias e bons momentos na companhia da Jana, do Padma, do Rabugento e do Rabugentinho. Ouvi músicas maravilhosas. Não quero que este som deixe minha casa. Então, de sã consciência, deixo para eles o meu imóvel.”

Ela distribuiu para a família os outros bens que tinha. Todos entenderam, acharam justo deixar Padma e Janaína viverem ali.

Padma ficou terrivelmente triste com a morte da Dona Ruth. Ela era sua mãe de coração. Era quem dava suporte e estímulo para ele se desenvolver. O trombone chorou por várias semanas. O Rabugento uivava junto.

Janaína reclamava o tempo todo.

- O que será de nós? Ganhamos a casa, mas perdi o salário que ganhava da dona Ruth.

Janaína tinha o hábito de sempre olhar as coisas pelo pior ponto de vista, com pessimismo. Mas a situação realmente ficou meio apertada. Eles pararam de pagar o aluguel da quitinete antiga, mas ficaram só com o dinheiro das apresentações de Padma na Cantina Brava para sobreviver.

- Vou colocar esse cachorro na rua! Ele é muito grande, come muito. Eu não gosto dele e ele não gosta de você, Padma. Vou levar ele para passear, vou bem longe. E volto sozinha.

No começo, Padma achou que era só ameaça. Depois, Janaína passou a repetir isso com muita frequência. Padma decidiu agir para aumentar a receita da casa. Ele queria o Rabugento por perto. Apesar do cão não gostar dele, ele gostava do cão.

Padma saiu com o trombone no meio da tarde, desceu a rua de sua casa e tomou um ônibus. A mesma linha que ele pegou durante anos para voltar para o bairro pobre onde vivia com a mãe. Sabia que, no meio do caminho, passava por ruas movimentadas.

Ele tinha ido poucas vezes ao Centro da cidade. Sempre acompanhado da Dona Ruth ou da tia Clotilde. Quando o ônibus passou por um lugar que ele considerou certo: em frente a uma loja fechada, provavelmente falida, na avenida Aurora, que tinha muito comércio e movimento, ele deu sinal e desceu correndo.

Naquele lugar havia espaço e a acústica parecia ótima. Como na fachada havia uma cobertura, ele estava protegido do sol ou da chuva, embora não houvesse nuvens. E a arquitetura privilegiava a propagação do som. A fachada era meio arredondada, formando uma verdadeira concha acústica.

Padma retirou o instrumento do estojo. Deixou a caixa aberta na sua frente. E começou a tocar. Tocou, tocou, tocou. De olhos fechados. Deixou a música falar por ele. Contou suas tristezas, sobre a mãe que não valorizava seus talentos, do amor adolescente não correspondido, da dona Ruth falecida, do Rabugento.



Contou das alegrias, da escola, do aniversário em que ganhou o trombone. Dos vizinhos que gostavam de ouvi-lo, dos frequentadores da Cantina Brava. Falou sobre isso e sobre outras coisas sem usar nenhuma palavra – apenas com o som do seu trombone e com as músicas que ele aprendeu a tocar tão bem. As melodias davam o recado. O ritmo dava a emoção. Tudo de olhos bem fechados para não se distrair.

Quando cansou, parou de assoprar o trombone. Havia dito tudo. Expiado seus demônios. Reclamado seus direitos. Silenciou por um instante e abriu os olhos. A claridade incomodou. O silêncio era anormal. Não havia ruído de carros, de pessoas, de aparelhos eletrônicos, de nada. Por um instante, Padma havia parado o mundo à sua volta. Todo mundo que ouviu o discurso de Padma, ou melhor, o som do trombone dele, parou, quieto, estático, hipnotizado pela delícia da música. Pela emoção daquele show.

Padma descobriu que dezenas de pessoas haviam se juntado para ouvi-lo. Um sujeito tentou bater palmas, mas dez pessoas fizeram “shhhhhhhhhhiu” ao mesmo tempo, com o indicador na frente da boca. Um morador de rua, meio banguela, abriu o bocanzarrão sem dentes na frente e falou:
- Toca, toca mais, por favor.

Padma sorriu e tocou. Algo feliz e dançante. O mendigo dançou, o casal de namorados trocou beijos, uma moça, que parecia triste, mudou a expressão do rosto e deu risada. O executivo desligou o celular. Ninguém mais estava com pressa, nem com raiva ou com medo.

Padma parou e olhou para a caixa do trombone. Ela estava cheia de dinheiro e com algo brilhante no meio das notas. Era um dente de ouro. Foi o mendigo quem deu.

Quando a música parou, as pessoas voltaram para suas rotinas. Padma guardou o trombone. Ele se sentia aliviado. Como uma pessoa que saiu de uma longa sessão com um terapeuta, depois de ter falado tudo que a incomodava.

Quando o rapaz decidiu ir embora dali, ouviu uma linda voz feminina.
- Qual é o seu nome?

Ele olhou para a garota: ela era tão bonita quanto a voz que tinha. Padma gesticulou desengonçadamente e fez todos os sinais que vieram à cabeça para avisar que não conseguia falar.
- Você é mudo?

Ele fez que sim com a cabeça.
- Mas você fala pelo trombone. Amei.

Padma pensou em tirar o trombone para agradecer. Mas não deu tempo. A moça linda saiu andando. Lá na frente, ela parou e se virou para perguntar:
- Você volta?

Ele fez que sim com a cabeça.
Cada um foi para o seu lado.

Em casa, Janaína ficou encantada com aquele monte de dinheiro.
- De onde veio tudo isso? Você não roubou, né?

Padma fez que não com a cabeça e apontou para o trombone.
- Arrumou outro lugar para tocar?

Ele fez que sim com a cabeça.
- Onde?

Padma ficou olhando para ela. A curiosidade durou cinco segundos. Janaína nunca aprendeu a linguagem dos sinais. Nunca parou para ouvir Padma tocar. Sabia da qualidade da música dele, mas fazia questão de mostrar que achava tudo chato e barulhento. Então fazia perguntas, mas não esperava por respostas sinalizadas ou musicais, saía andando, sem perguntar mais nada. Para ela, o importante era ter dinheiro.

E com mais dinheiro, o Rabugento acabou ficando.

Padma passou a tocar na Cantina Brava e na avenida Aurora. O público do Centro era maior, bem maior. Mais animado, fiel e agradecido. Todo mundo colocava algo de bom no estojo do instrumento: dinheiro, presentes, docinhos. Um dia, uma prostituta jogou uma calcinha. Outro, a menininha entregou a chupeta.

O velhinho deu algumas moedas e um cara bem vestido deu um maço de notas.

Um espertalhão pensou em tirar algo enquanto Padma tocava de olhos bem fechados, mas ficou feliz em pensar que não furtar era uma forma de pagar um cachê para o trombonista. Foi embora cantarolando...

Padma falava o que as pessoas precisavam ouvir. Era um pastor sem religião. Um orador sem palavras. Ele aconselhava, confortava, fazia rir e chorar.

Pena que é impossível descrever como era boa aquela música: não se revela a qualidade do som com palavras impressas. Em livro só dá para provocar a imaginação.

Então, imagine uma música que faça bem a você. É essa que o Padma toca!

Se você nunca ouviu um trombone de vara, procure ouvir. É a voz do Padma.

Junte a música que faz bem a você com o som do trombone. É o discurso do Padma. Pastor de ouvidos e emoções.

Ele passou várias semanas na rua. Amava tocar ali. E todo dia, na ida, sentado no banco do ônibus, sentia um friozinho na barriga quando pensava na chance de ouvir (e ver) de novo a moça da voz linda. Seria naquele dia?

Padma tocava de olhos bem fechados.

Às vezes, ele abria o olho repentinamente enquanto tocava. “Será que ela passou por aqui?” Talvez tenha passado várias vezes, parado, ouvido, gostado e seguido caminho sem ser notada.

Um dia, entre uma música e outra, ele parou para tomar água. Alguém deixou uma garrafinha linda e convidativa no estojo. Quando ele foi dar o primeiro

gole, ouviu a voz do anjo:

- Sabia que você estava com sede.

O coração quase saiu pela boca do Padma! Era ela, ali, na frente dele. Padma não perdeu tempo. Pegou o trombone, fechou os olhos e tocou uma declaração. De amor, de paixão, de paquera de admiração. Era uma música muito especial, sabe? Me ajude a pensar em uma...

- Super romântica, daquele filme que eu adoro, qual o nome mesmo?

Foi o que a moça disse para o rapaz, que não parou de tocar.

Quando Padma acabou, abriu os olhos para olhar o lugar onde a moça estava, mas deu de cara com uma câmera de televisão. Uma repórter com cara de fuinha estava ao lado dele com o microfone em punho.

- Este é o trombonista solitário. O vídeo dele tocando aqui na avenida Aurora, feito com um aparelho celular, foi postado na internet e, em uma semana, já foi visto por mais de cinco milhões de pessoas. Quem é ele? De onde veio? Onde aprendeu a tocar? Saiba, agora, no Mundo em Notícias!

O cinegrafista baixou o equipamento e disse que a gravação valeu.

A repórter sorriu com falsidade e soltou a matraca:

- Querido, é seu dia de sorte. Você vai pro jornal nacional de hoje. ‘Adoreeee!’ o tema de cinema que você estava tocando quando a gente chegou. Vou fazer de você um cara famoso. Logo, logo você vai estar no Teatro Municipal, com roupa de gala e orquestra sinfônica te acompanhando. Basta ser simpático, tá chuchu? Posso gravar, Dorival? Já trocou a fita?

- Já.

Ela começou a entrevista:

- Qual é seu nome?

Padma procurou a moça de voz linda atrás da câmera.

O Dorival falou:

- Olha para lente, querido.

Assustado, Padma obedeceu. A repórter mandou de novo a pergunta:

- Qual é seu nome?

Silêncio.

Lá de trás a voz linda falou:

- Ele é mudo. Só fala pelo trombone.

Padma adorou saber que a moça ouviu sua declaração de amor. Nada mais importava.

A repórter achou o máximo essa informação.

- O cara é mudo, Dorival! Genial! Fala pelo trombone!

A notícia seria mais interessante ainda.

- Cara, essa matéria vai encerrar o jornal!

Era a reportagem que ela estava esperando para mostrar a carinha dela para o País inteiro. E, melhor, nem iria precisar dividir as palavras com o entrevistado. Vaidosa, ela podia falar tudo e o Padma só precisava ficar ali, com sorriso amarelo, trombone nas mãos.

- Querido, você me entende, né?

- Ele é mudo, não surdo!

Respondeu um dos ouvintes habituais de Padma.

- Apaga isso, Dorival. Querido, você pode me dar uma entrevista tocando?

Padma tentou avistar a moça de voz linda outra vez. Ela havia ido embora. Ele olhou para a repórter e fez que sim com a cabeça.

- Qual é seu nome?

Padma fez o truque que fazia com a corneta. Mas no trombone de vara o nome saiu certinho. Ele até deu um picote com língua na hora de juntar o D com o M, de Padma.

- Padma? Tosh? Padma Tosh?

Ele balançou a mão aberta fazendo o sinal de mais ou menos.

- É Padma?

Ele fez que sim com a cabeça.

- É nome de mulher na Índia...

O morador de rua, sem dente de ouro, gritou de longe:

- Deixa o cara tocá!

- Tá certo! Toca, Padma!

A moça saiu da frente da câmera e Padma se preparou. O operador de áudio prendeu a respiração, apertou o fone de ouvido e colocou o microfone direcional perto do trombone.

Lá veio o som!

Padma fez outra declaração de amor para a moça de voz linda.

Naquela noite, o Mundo em Notícias acabou com a repórter Larissa Costa anunciando: “Padma Tosh, o trombonista mudo, dá show no centro da capital” (eles não entenderam que era Cos e colocaram assim nas letrinhas embaixo da imagem).

Foi um sucesso nacional. O Twitter do jornal quase explodiu de tanto elogio. Todo mundo queria saber onde ouvir mais a música de Padma Tosh.

Janaína ficou louca da vida. Ela só assistia o finzinho do jornal. Vinha antes da novela. E viu justamente o apresentador bonitão anunciando o sucesso das ruas, descoberto pela repórter.

- Você tá louco, Padma? Como pode expor a gente assim, sem me consultar? Eles vão prender você por ganhar dinheiro e não pagar imposto. Você não tem carteira de músico. Não é profissional. Não pode ganhar para tocar! Vão prender você! Não! Vão me prender porque você é mudinho e dependente! Meu Deus!

A campanha tocou e tocou e tocou. Janaína abriu a porta e olhou para fora. A vizinhança estava toda ali. Tia Clotilde se adiantou, passou pelo jardim, invadiu a sala e abraçou Padma.

- Eu sabia, meu querido! Sabia que um dia iam descobrir o seu talento! É o dia mais feliz da minha vida! Eu não tive filhos. Só alunos. E dos meus alunos, você é o filho que mais tocou meu coração!

Tia Clotilde chorou.

Padma também.

Foi uma noite agitada. Entra e sai na casa. Telefone tocando. Como descobriram o número? Vizinhança agitada.

Padma fez a única coisa que podia fazer: tocou trombone. Naquela noite maravilhosa, quente e de lua cheia, ele tocou até mais tarde. Só a Janaína reclamou.

Tia Clotilde foi embora:

- Tchau, Padma. Amanhã vá tocar bonito. A avenida Aurora vai estar lotada!

Ele fez que sim com a cabeça. Pensou na moça de voz linda. Ele iria bonito para ela. Será que ela viu a reportagem? Será que ouviu a segunda declaração?



Só que o destino sabe ser sacana...

Às três e meia da manhã, o chão começou a tremer. A casa inteira estava chacoalhando. O tremor piorou. E piorou. E piorou.

Padma pulou da cama assustado. Assim que a sensação de confusão passou, ele olhou em volta e entendeu o que estava acontecendo: era um terremoto.

Ele já tinha estudado isso na escola, mas ninguém nunca tinha visto nada igual na cidade. Terremoto só se via pela televisão, em outros países.

Agora estava acontecendo ali, de verdade e com muita força. Força não, fúria!

Padma pegou o estojo com o trombone e foi para o quarto da mãe. Ela continuava dormindo no quartinho do fundo. Recusou-se a 'assumir' a cama da dona Ruth. Padma, depois que cresceu, sempre ficou no quarto que era de hóspedes, bem ao lado da sala de estar, na frente da casa.

Quando ele passava pela sala, o teto começou a desmoronar. Ele viu a mãe na entrada da cozinha, vindo do quarto dos fundos.

Ele estava embaixo do batente da porta, com o estojo do trombone nas mãos, o Rabugento, assustado, no meio de suas pernas e a mãe, lá longe, na porta da cozinha.

O teto caiu inteiro, de uma vez só. Um baita barulho ensurdecador. Foi tudo muito rápido. A luz apagou.

A parte da laje sobre Padma foi amparada pelo batente da porta. Formou-se uma câmara onde ele estava, do tamanho de um elevador pequeno.

Padma ficou preso num cubículo de paredes de entulho, com pedras até o peito e os braços presos.

O Rabugento estava embaixo daquilo tudo. O estojo do trombone também.

Na rua, mais barulho: alarme de carro, estalos, aço retorcendo, coisas caindo, gritos, fio dando choque... Barulho de destruição.

Padma não sentia dor, mas não conseguia se mexer direito.

Percebeu que foi salvo pelo batente, que não deixou um pedaço da laje arrebentar com a sua cabeça.

Este pedaço da laje do teto, que desabou, quebrou dos lados e formou a cabine de proteção onde ficaram Padma e o Rabugento.

Tudo mais em volta ruiu. Quem olhava de fora só via destroços e essa 'cabine de elevador' com os dois dentro.

Padma não podia ver nem ouvir a mãe.

De chinelos, sentiu o pelo do Rabugento encostado em seu pé. O cachorro estava imóvel. Ele baixou o olhar. Só viu entulho.

Silêncio.

Janaína não emitia som.

As coisas ficaram assim, sem alterações, um tempão. Os dois presos ali dentro, quietos e sem ninguém em volta para dar sinal de vida. Padma sabia que precisava pedir socorro. Mas como?

Balançou o braço direito, o tronco, o braço esquerdo, as pernas. Ele chacoalhou igual peixe fora da água.

Fez um baita esforço e conseguiu liberar o braço direito. Tateou, tateou e encontrou a alça do estojo do trombone. Puxou e puxou com toda a força que tinha.

O estojo veio inteiro. Todo arranhado e sujo, mas inteiro.

Levou mais um tempão para ele conseguir abrir, com uma única mão, tirar o trombone, achar o bocal, colocar, colocar a vara.

A boca de Padma estava muito seca. Mesmo assim, ele encostou o bocal nos lábios e fez barulho. Mas não conseguia mudar as notas.

Aos seus pés, embaixo do amontoado de pedras, o Rabugento rosou.

“Tá vivo”, pensou Padma.

Ele sorriu com o trombone na boca.

Nenhum sinal da mãe.

Alguns raios do sol, que nascia, invadiram frestas do amontoado de entulho que formava a cabine do elevador em volta do rapaz.

Foi mais uma batalha para soltar o braço esquerdo. Mas com a ajuda do braço direito deu certo: com os dois braços ele tinha condições de tocar à vontade.

Padma tentou imitar o som da palavra mãe com o trombone.

TUNHÃE, NHÃE, MNHÃE

Conseguiu!

Tocou várias vezes.

Com a parte de baixo do corpo presa, ele não tinha muito que fazer... Chacoalhou, tremeu, balançou, tentou fazer força para cima, para baixo, dobrar os joelhos, rodar a cintura, mas não conseguiu se soltar. Um pedaço de laje comprimia a barriga dele contra um monte de pedras que havia atrás das costas.

Mesmo assim ele conseguiu puxar o ar e tocar ‘mnhãe’ várias outras vezes. Sem conseguir nenhuma resposta.

O sol seguiu seu curso subindo no céu e mudando o lugar dos raios que invadiam o quartinho de entulho sobre Padma.

Foi com a luz forte do dia que ele descobriu um buraco na parede de entulho bem à sua frente. Por ali, com mais esforço, ele poderia ver como estavam as coisas do lado de fora do ‘elevador’.

Curvou-se o máximo possível, chegou o rosto mais perto possível do buraco, fechou um dos olhos para dar toda atenção para o outro olho arregalado, quase grudado na pequena fenda por onde vinha a luz. Assim, conseguiu espiar no que havia se transformado a casa: cenário de demolição. Nada de pé. Tudo destruído. Parecia que um gigante tinha dado um soco de cima para baixo no telhado casa e esmagado tudo - menos o lugarzinho que ele estava.

Bem na frente dele, no meio dos tijolos misturados com a madeira que dos móveis quebrados, ele identificou uma cena horrível: sob um monte de pedras, ele viu a mão de Janaína.

Forçou a vista para tentar identificar movimento, algum sinal de vida. Nada. Só a mão inerte, sem vida. Aguçou o ouvido para tentar ouvir gemido ou respiração fraquinha... Nada.

Padma chorou. Um choro absolutamente silencioso, mas cheio de lágrimas.

Os alarmes de carro, os estalos e os gemidos foram parando com o passar das horas. O silêncio venceu o som. Padma parecia só. O Rabugento continuava quieto, onde quer que estivesse ali da cintura para baixo. Veio a noite. E outro dia. E nada.

Padma já estava confundindo sono com atenção. Nem sabia se estava dormindo ou acordado. Mas fosse como fosse, ele estava com muito calor e sede, sede demais!

No final da tarde do segundo dia, Padma ouviu trovões. Ficou esperando chuva. Esperou, esperou, desejou muito... Até que o aguaceiro veio forte.

Ele ouvia o barulhão da tempestade acima dele, batendo no quartinho de entulho. Viu que várias gotas venciam a barreira das pedras e pingavam aqui e ali, perto dele.

De novo, fez um esforço enorme para mexer no estojo do trombone. Sabia que havia guardado, com muito carinho, a garrafa que a linda voz lhe deu.

Achou!

Tirou a tampinha e começou a caçar gotinhas com a garrafa. Acima de sua cabeça, o pedaço de laje estava rachado e conforme a tempestade foi ficando cada vez mais forte, formou-se mais que uma goteira: formou-se um fiozinho de água. Foi o suficiente para matar a sede e continuar bebendo e abastecendo a garrafinha várias vezes.

Padma também aproveitou a garrafinha cheia e despejou água na direção de onde tinha ouvido o rosnado do cachorro.

Ficou muito feliz quando ouviu o som da língua do Rabugento lambendo tudo. Voltou a encher e esvaziar a garrafinha várias vezes para ele. Até ouvir ele rosnar.

A chuva parou. Padma tocou seu trombone, fraquinho, baixo, quase sem força. Faltava ar para ele assoprar as músicas tristes, sem esperança.

De madrugada, ele acordou assustado. Com o som de uma caminhonete e vozes.

- Tem alguém aí?

- Tem alguém aí?

- Tem alguém aí?

Padma reuniu o que tinha de forças e tocou o trombone com tudo, bem alto. O mais alto que podia. Tocou uma bela música.

Do lado de fora do entulho, alguém gritou:

- Pessoal, eu tô maluco ou tá vindo som de corneta daquele monte de pedra?

Padma caprichou mais ainda mais no seu pedido de socorro musical.

O som de duas pessoas falando alto ficou bem próximo da cabine de entulho.

- Tá sim! E não é corneta, não! É um som de... Não sei o nome do instrumento.

- Será aparelho de som que ficou ligado? Celular?

- Como? Não tem energia elétrica e nenhuma bateria ia durar tanto! Só pode ser alguém tocando!

- Tem um doido tocando aí?

- Deve estar fazendo barulho para gente, tá no meio dessas pedras. Olha aqui, a laje está escorada em alguma coisa! Acho que o batente da porta escorou o teto. Ele deve estar embaixo.

O Rabugento latiu com raiva.

- Tem um cachorro enfiado ali também! Tem gente aqui! Cabo, tem gente aqui!

O barulho em torno foi intenso. E durou um tempão.

Já era dia alto quando as pedras que sobre Padma foram retiradas, permitindo que o sol iluminasse tudo. Ele continuava com as pernas presas. Quando a vista dele se adaptou à claridade, ele conseguiu enxergar o bombeiro responsável pelo resgate.

Rapidamente, o trombonista apontou a mão de Janaína. Aquele bombeiro não entendeu, mas um outro, que estava mais atrás, rodeando os entulhos, viu a mão e gritou:

- Aqui tem outra pessoa! É uma senhora! Mas está sem nenhum sinal vital.

Virando para Padma, o bombeiro perguntou:

- Ô rapaz, ela é sua parente?

Padma chorava em silêncio. Parou para colocar o trombone na boca e fazer o som:

MNHÃE. MNHÃE!

O bombeiro entendeu:

- Acho que esse cara não consegue falar. Ela é sua mãe?

Padma fez que sim com a cabeça.

- Meus sentimentos. Pouca gente sobreviveu ao terremoto. Quem está vivo, perdeu muito... Todos perdemos alguém...

RRRRR! Au, au, au!

O Rabugento deu o sinal de vida.

- Ah, tem um cachorro e o instrumento! Como chama, cabo, aquele instrumento que tem uma vara que você puxa e estica?

- Trombone, Jorge!

- Isso!

O outro bombeiro chegou mais perto.

- Você não consegue falar?

Padma fez que não com a cabeça e apontou a boca e fez sinal negativo.

- Você é mudo?

Ele fez que sim com a cabeça.

- Jorge, eu tô conhecendo ele! É o cara que apareceu no jornal da televisão! É o cara da internet é... Paulo? Não. Era um nome esquisito... Padma! Isso! Padma Tosh!

Finalmente, os dois liberaram completamente o Padma do meio das pedras. O Rabugento saiu junto, grudado pela boca na barra do pijama de Padma. Mordeu e não soltou.

Quando ficou livre, fez um monte de xixi na roda do carro de bombeiros, que estava parado no que já tinha sido a frente da casa destruída.

Padma olhou ao redor: a rua também estava meio destruída. E o bairro, a cidade, o Estado? O País? Será que o terremoto demoliu tudo?

Além dos dois bombeiros que estavam nos escombros da casa de Padma, havia outros dois, andando pelas outras casas da rua e trazendo para perto da caminhonete quem encontravam.

O bombeiro, enquanto examinava Padma, deu uma garrafa de água para ele se hidratar e foi contando o que aconteceu.

- Tome a água devagar. Um golinho de cada vez. Quer passar seu trombone para mim? Não? Ok. Meu nome é Péricles. Cabo Péricles. Um terremoto enorme acabou com tudo. Estamos sem eletricidade, internet, rádio, televisão. Quem sobreviveu ficou incomunicável. As pessoas não têm como falar entre si nem com o resto do mundo.

Ele contou que não tinha informações sobre os efeitos do terremoto pela cidade.

- Eu e meus companheiros estávamos de plantão no Batalhão, que é aqui perto. Depois do terremoto, vimos que o nosso prédio desmoronou quase inteiro. Ajudamos quem estava machucado, juntamos os quatro que estavam bem e saímos para rua com o único carro livre, para ver os estragos e ajudar quem aparecesse pelo caminho. Não paramos desde anteontem. Nosso rádio está mudo e até agora ninguém de fora apareceu para ajudar. Não sabemos se tem alguém na cidade organizando ajuda para as vítimas. Quando der, vamos até o centro procurar o Comando.

Padma ouviu tudo com atenção e medo. Estava meio tonto e de barriga vazia. Mas nem pensou em reclamar.

Sem largar o trombone um instante, ele caminhou até o veículo dos bombeiros e viu que as outras pessoas resgatadas por ali estavam em estado muito pior que o dele.

Algumas caras eram conhecidas. Ninguém muito próximo porque a mãe dele não dava espaço para aproximações com o pessoal do bairro. Mas eram os vizinhos que acenavam e sorriam quando ele passava com o trombone. Os mesmos que estavam na porta da casa dona Ruth, depois da reportagem pouco antes da tragédia. De longe, ele mandou um aceno. Ninguém teve ânimo para responder.

Padma voltou para os escombros da sua casa e foi até onde era seu quarto, atrás de roupas e calçado. Com muito custo, foi resgatando: calça, camiseta, meias e tênis.

Em um cano estourado, que jorrava bastante água - onde era o tanque na lavanderia da casa, ele aproveitou para se lavar e limpar bem os arranhões e raspões pelo corpo.

Padma sabia muito bem a importância de se manter bem limpo para evitar qualquer infecção ou doença.

Vestido e limpo, ele arrumou uma tira de pano para prender o trombone junto ao corpo. O estojo não dava mais para ser usado.

Deu uma boa olhada no Rabugento, que o seguia para todo lado. Felizmente, o cachorro não sofreu nenhum arranhão. Só ficou bem empoeirado. Padma jogou água nele também.

Enquanto Rabugento espanava o excesso d'água da pelagem, o cabo Péricles tentou acariciar a cabeça do cão. Levou mordida.

- Eita. Esse é nervosinho...

Padma recebeu de um outro bombeiro mais uma garrafa de água mineral, algumas fatias amassadas de pão de forma, duas bananas e um barrinha de cereal.

- Achamos isso ali no mercadinho no fim da rua. A maioria das coisas estava destruída, mas dá para você forrar o estômago.

Quando acabou de se alimentar, Padma percebeu, pela falta de barulho e de vozes gritando, que as buscas na rua dele haviam terminado.

Pouca gente encontrada. Meia dúzia de sobreviventes sentados ou deitados, lado a lado, bem no meio da rua, atrás do carro dos bombeiros. As poucas coisas resgatadas do mercadinho mantiveram as pessoas por ali.

Todos estavam, assim como Padma, com os rostos tristes, cansados, a maioria ainda estava com o corpo sujo de terra e pó. O clima era de desesperança. Todos ali perderam entes queridos.

Padma se lembrou do bombeiro gritando que ele era o 'trombonista da TV' e fez a única coisa que podia fazer para ajudar: levou o trombone aos lábios e assoprou.

A música invadiu o ambiente. Padma escolheu com cuidado o que tocar. Para não ofender nem estressar ninguém. Era um som triste, mas forte, ritmado. Era um hino de luto e consolo. Uma mensagem para todos. Ele queria, por alguns minutos, afastar os pensamentos das coisas ruins que haviam acontecido. Conseguiu.

Os bombeiros, no final da tarde, resolveram seguir em frente, procurar mais gente pelo bairro. Padma quis ir junto, mas não havia espaço na caminhonete para os quatro soldados, os equipamentos, ele, o trombone e o Rabugento.

Padma entendeu. Ficou por lá esperando a noite dar lugar a mais um dia, torcendo com seus vizinhos para que alguém mais aparecesse. Nada. A noite foi triste e quieta, exceto por alguns lamentos e gemidos de dor.

Pela manhã cedinho, Padma decidiu que precisava ir embora dali. A tristeza com a perda da mãe era muito grande. Ele não queria ficar naquele lugar.

Depois ele poderia voltar, mas agora ele precisava de distância. Não sobraram documentos, fotos, móveis, roupas, nada que desse para ele recuperar sozinho... Precisava de ajuda. Para si e para o pessoal que estava ali, mais mal do que bem.



Olhou tudo que lhe restou: o trombone e o Rabugento. Eram a família que ele tinha.

Padma com mímica e algumas músicas avisou os outros sobreviventes que ia sair dali para procurar ajuda. Recebeu conselhos para esperar mais um pouco.

Ele olhou em volta toda a destruição e fez que não com a cabeça. Queria sair daquele lugar. Sobrou pouquíssima comida e só algumas garrafinhas de água.

Esperar o quê? O ouvido privilegiado de Padma denunciava que ficar revirando as pedras das casas de seus vizinhos era perda de tempo. Não havia mais som de vida por lá. Mas ia ser difícil explicar isso para o pessoal...

Padma acenou e saiu andando pelas ruas do bairro. Trombone a tiracolo e Rabugento atrás. O caminho à frente só tinha destruição. Ele lembrou de um filme que assistiu, de uma cidade atingida por uma bomba nuclear. Era parecido. E havia muito pó: uma névoa de destruição que se mantinha em suspensão sobre a rua.

Ele foi para o lugar onde ficava a casa da tia Clotilde. Nada em pé. Do jeito que o imóvel estava, Padma concluiu que ela não havia sobrevivido. Nem teve coragem de procurar. Chorou um choro quietinho. A tia Clotilde era uma segunda mãe, que acreditava nele. Ele tocou uma música para homenageá-la e seguiu sua caminhada.

Passou pela Cantina Brava. A fachada estava em pé. Mas olhando com cuidado dava para ver que o telhado ruiu. Padma não ouviu som lá dentro. Foi embora.

Muito raramente, enxergava alguém passando ou via pequenos grupos de pessoas dentro de restos de imóveis que não caíram. Normalmente, estavam todos quietos, sem conversas ou brigas ou brincadeiras. Só com aspecto triste, desanimado. Como o grupo de vizinhos, que ficou para trás.

Ninguém parecia ter recebido ajuda.

Outra coisa que deixou Padma engasgado de tanta angústia foi ter notado que ele viu pouquíssimas crianças. A maioria estava em casa na hora do terremoto. A maioria dos tetos caiu...

Ele tentou não pensar nisso e seguiu caminho, pelo meio da rua, procurando escutar sinais de vida, conversas ou até algum pedido de socorro. Era estranho, mas naquele trecho da cidade não havia som de quase nada.

Padma, que tinha o ouvido tão apurado, reparou que o silêncio estava fora do normal. Levou o trombone até a boca e deu um toque: para garantir que continuava escutando bem. O Rabugento latiu com o som do instrumento. O mundo é que, aparentemente, emudeceu. Nada de discussões, brecadas, buzinas, marteladas, nada...

Antes do terremoto, Padma se divertia descobrindo o tom dos sons: gato mia em Ré. Martelo cai e bate na calçada em Fá. A mulher escandalosa fala em Si.

Mas por ali, não havia sons para identificar. Era um terrível silêncio. Padma tentou calcular quantas pessoas teriam morrido em sua cidade.

Nem quis pensar no Estado, nem no País. Pensou de novo nas crianças e também nos animais. Lembrou-se da moça de voz bonita. Será que ela também morreu? Parou um instante. Sentou-se na sarjeta triste e desanimado. “Teria sido melhor eu ter acabado”, pensou.

O Rabugento sentou ao lado dele.

Padma começou a tocar o trombone. Depois das primeiras notas, ficou irritado. Só saía som triste. Melhor não tocar.

Melhor ainda: decidiu que tinha que mudar de atitude e agradecer a sorte de ter sobrevivido e de não estar machucado. Ele precisa de energia para ajudar os vizinhos que ficaram para trás e os sobreviventes que precisassem dele pela frente. Ele se convenceu que tinha a obrigação de ajudar quem não teve a mesma sorte que ele.

Levantou-se e olhou em volta. Tocou um toque marcial de avanço no trombone (igual aos que ele tocava na corneta para animar seus colegas) e seguiu adiante. À procura de algo que pudesse fazer de bom, de bem.

Pelo caminho, às vezes havia rua, às vezes não. Às vezes havia calçada, às vezes não. Às vezes ele parava para escutar. Quem sabe um pedido de socorro. Algum sinal de vida... Mas não ouvia nada. Só sua barriga, que roncava. Ele estava com fome.

A farmácia do Jair, que ele sempre via de dentro do ônibus, ao longo de anos passando por ali, estava toda destruída. Mesmo assim, ele procurou no meio dos destroços e achou mais algumas barras de cereal. Dividiu com o Rabugento.

Também achou água em uma caixa d'água que despencou de um telhado, mas inexplicavelmente não despedaçou. Matou a sede e lavou o rosto. Deu água para o cachorro.

O bairro todo estava realmente destruído. Ele concluiu que qualquer um que tivesse sobrevivido já tinha ido embora. E foi também. O Centro da cidade era longe, mas pareceu ser mais promissor. Devia haver alguma coisa lá. Mais gente, mais organização.

Ele andou por cerca de uma hora no mesmo trajeto que o ônibus fazia quando ele saía para tocar na avenida Aurora.

Quando entrou em uma rua residencial, com várias casas destruídas, percebeu um sonzinho fraco, fininho. Um mizinho. Quer dizer, o tom era mi menor, mas o som bem baixinho.

Padma colocou o trombone na boca e tentou reproduzir. Claro que conseguiu. O compasso do sonzinho acelerou. Não havia choro, nem pedido de ajuda, nem lamentação. Só o chiadinho.

O Rabugento parece que percebeu algo também. Ficou agitado. Deve ter sentido algum cheiro. Correu para um monte de pedras que haviam sido uma casa há menos de uma semana. O cachorro cavou o entulho e voltou para perto de Padma.

O rapaz andou para o lugar onde o cachorro cavou. O sonzinho ia aumentando conforme ele chegava perto. Padma tocou o trombone de novo. O sonzinho se manteve acelerado. O rapaz fechou os olhos e se concentrou... “Que som é esse? Que som é esse?”, pensou.

“JÁ SEI!”

Padma identificou: era o chiadinho de uma respiração bem fraquinha. Devia ser de criança.

O rapaz colocou o trombone de lado e correu para cima das pedras. Tirou uma, duas, três... Dez... Vinte...

Nada. Para cada pedra que saía, apareciam mais dez.

Ele percebeu que precisaria de ajuda.

Olhou em volta.

Nada.

Cutucou o Rabugento para ele latir. O cachorro só rosnou.

Padma começou a ficar apavorado. Havia uma vidinha ali embaixo. E ele não podia fazer nada sozinho.

Lembrou da mãe falando: “Coitado do mudinho... Não pode fazer muita coisa sozinho.”

Ficou bravo. Botou a boca no trombone. Literalmente.

TOHT;

TOHTOTROT;

TOTRRROOOOTTTT;

SHOTKROOOOTRRROOOOOO.

Para Padma aquele som esquisito era parecido com um pedido de socorro. Na verdade, não era, mas serviu para ele fazer um baita barulhão.

POW!

Padma ficou em silêncio... O que foi aquilo?
O Rabugento começou a latir como um doido.

POW!

Ele ouviu um estampido. Igual a um rojão...
Em dó maior.

Ele tocou o pedido de socorro no trombone no mesmo tom.

POW!

O barulho estourou mais perto.

Ele tocou outra vez...

POW!

Dessa vez foi de trás dos escombros. Onde já foi o quarteirão de trás da casa.

Ele estufou o peito e mandou com toda força:
SHOTKROOOOTRRROOOOOO!

- Que foi rapaz, precisa de ajuda?

A voz, feminina, veio do alto de uma montanha de pedras, na parte de cima dos entulhos da casa. Ele levantou a cabeça e só conseguiu ver a silhueta de uma mulher musculosa.

- Que foi?

O sol estava contra a visão de Padma. Ele colocou a mão espalmada na testa para enxergar quem estava ali.

Era uma mulher bonita, forte, com uniforme de policial. A camisa estava bem aberta, revelando uma camiseta que já tinha sido branca por baixo, mas agora parecia ser marrom. As mangas arregaçadas embolavam nos braços musculosos. Calça para dentro de botas de cano alto. Cabelo preso. Óculos escuros. Ela parecia personagem de história em quadrinhos. Não parecia de verdade...

Padma chegou a pensar que tinha ficado doido, que estava diante de uma miragem ou alucinação...

- Fala rapaz, que foi?

Ele fez o sinal característico para mostrar que era mudo, apontando par a boca e sinalizando 'não' como indicador.

- Você é mudo?

Ele fez que sim com a cabeça...

A moça era inteligente: olhou o trombone, o cachorro cavucando, a cara de desespero do Padma...

- Tem alguém ali embaixo?

Ele fez que sim com a cabeça.

- Você conhece? Morava aqui?

Ele fez que não.

- Tá sozinho, perambulando pela cidade?

Ele fez que sim.

- Você tem alguém?

Ele fez que não.

- Perdeu? No terremoto?

Ele fez que sim.

- Sobre esse salvamento aí, foi o cachorro que achou?

Padma não fez movimento nenhum. Como iria explicar que ouviu o chiadinho?

Ele colocou o trombone na boca e repetiu o sonzinho em mi da respiração...

- O quê?

Ele apontou o ouvido. Repetiu o som e apontou para o ouvido e para as pedras...

- Você ouviu algo ali e o cachorro farejou. Foi isso?

Ele fez que sim.

“Que mulher inteligente!”, pensou.

A moça foi até as pedras. Colocou o ouvido no entulho. O rosto dela se iluminou!

Ela tirou um rádio portátil da cintura. Um walkie talkie.

- Jailton, Pedro, vocês estão na escuta?

Padma gostou da ideia. Com aquele comunicador amador, ela encontrou um jeito de falar com os parceiros.

O radinho respondeu na hora:

- Fala, Cecília!

- Tem sobrevivente aqui. Venham rápido. Eu tô na Rua Evangelista, um pouco antes da praça. Não adianta vir pela Eusébio Lourenço, que ela está com a pista interditada. Venham pela Avenida Prates. Pisa fundo, Jajá!!!!

A voz eletrônica do radinho respondeu animada:

- Estamos indo!

A moça perguntou:

- Como você se chama?

Ele fez o som do nome no trombone.

Ela nem deu bola.

- Em vez de tocar trombone, escreve aí no chão com um tijolo. Você escreve?

Padma pegou um pedaço de tijolo e escreveu no asfalto: “Padma, filho de Janaína, filho de coração de Ruth e da tia Clotilde.” Aí pegou o trombone e fez o som Padma.

- Ah! Sei! Você tocou seu nome... Já vi você... Na rua, enquanto eu fazia ronda no centro da cidade. Na Avenida Aurora. Você toca muito bem... Ah! E apareceu na televisão!

- Essas mães que você escreveu, morreram?

Ele deu um toque com o trombone para confirmar.

- Você tem pai ou parente que eu possa levar você?

Ele fez que não com a cabeça.

- Sua casa caiu?

Ele fez que sim com a cabeça.

- Qual sua idade?

Ele escreveu 17 com o tijolo.

- Ok, assim que dermos um jeito aqui no resgate a gente vê o que faz com você e seu cachorro.

Um barulhão de motor de carro interrompeu a conversa. Chegou uma caminhonete grande, com um guincho na traseira. Desceu um cara forte, com roupa de bombeiro. Padma achou que ele era parecido com ator de filme americano, porque era loiro, de olhos azuis, tipo galã. Bem diferente dos bombeiros que estavam na rua dele.

A moça correu na direção do cara, falando rápido.

- Pedro, tem alguém ali embaixo das pedras. Acho que é uma criança que está presa. O rapaz do trombone foi quem ouviu a respiração e deu um sinal. O nome dele é Padma. Tem 17 anos. Perdeu casa e família no terremoto. Ele é mudo, mas se comunica usando o trombone e sabe escrever. Tem um ouvido privilegiado. Ele escuta mais que o cachorro. Precisamos remover as pedras e tudo que tiver em cima da vítima, com cuidado porque deve ser criança. Cadê o Jajá?

Pedro apontou para trás e foi abrir a boca quando um trator despontou na rua produzindo fumaça e fazendo barulho. Dentro dele, um moço gordinho, negro, com cara bem redonda, óculos de motociclista (porque o trator não tinha para-brisa), barba malfeita, usando um macacão que parecia de mecânico: sujo de graxa.

- Cheguei, cheguei, cheguei... Onde está o vivo? Quem é esse cara com trombone? O cachorro tá com ele? Vi pouco cachorro hoje.

A resposta veio do bombeiro musculoso:

- O do trombone é Padma. O sobrevivente, provavelmente criança, está embaixo daquele entulho ali. O super ouvido desse rapaz é que ouviu a respiração. É sério, a Cecília checou. O cara é mudo, mas tem ótimo ouvido. O cão é dele, sim, e parece que também farejou algo. Vamos trabalhar.

- Ele é o Beethoven do salvamento, então?

- Jaílton, o Beethoven era surdo, não mudo!

- Ah é...

Cecília contou:

- O Padma tocava trombone no centro da cidade. E apareceu na televisão um dia antes do terremoto.

- Eu vi! Pô, é mesmo! Foi muito legal! Poxa, achamos um sobrevivente famoso...

Falou o Jaílton.

- Eu também vi! Ele toca para caramba. Completou Pedro, o galã.

Os três trabalhavam em perfeita sintonia, com resultado que nem dez pessoas conseguiriam.

Sabiam fazer um salvamento. Melhor que os bombeiros que resgataram Padma. Foi o que ele pensou.

Em menos de uma hora retiraram as pedras. Jaílton, no trator, manobrando com muito cuidado, afastou e retirou as partes maiores e mais pesadas. Pedro e Cecília usavam as mãos. Padma também ajudou bastante.

Já era fim de tarde quando Pedro deu um grito para o tratorista:

- Peraí, Jaílton! Peraí. Acho que a criança está embaixo dessa pedrona. A gente bate nela e vê que o som é oco. Deve ter uma bolsa de ar aí. Chama ali o 'ouvido de ouro' para ver se ele escuta mais alguma coisa.

Jaílton desligou o motor do trator e falou para Padma ir ouvir. Ele encostou o ouvido na pedra. Não parecia ouvir nada.

- Nada?

Perguntou a moça.

Padma continuou tentando escutar alguma coisa.

Cecília explodiu de raiva, gritando e chorando.

- Nada! Nada! Nada de novo! A gente passa o dia inteiro correndo atrás de barulhinho, de respiração, de gente pedindo ajuda para tirar pai, mãe, filho, irmão... Todos mortos. Para cada vivo, tem vinte, trinta mortos. Que droga! Era uma criança... Só uma criancinha...

Padma olhou para ela e colocou o indicador na frente dos lábios, fazendo sinal de silêncio.

Ela ficou quieta.

O Rabugento foi pertinho de Padma, andou em círculos, cheirou, cheirou, levantou a perna e fez xixi. O rapaz nem se incomodou, continuou concentrado nos sons.

O cachorro rodou de novo, cheirou, cheirou, foi para o outro canto da pedra e raspou o chão, tentando cavar.

Jaílton percebeu e falou agitado:

- Olha lá, Cecília, o cachorro do Beethoven está dando algum sinal...

Padma colocou a orelha onde o Rabugento cavou e ouviu o que ninguém mais no mundo ouviria. Era um sonzinho muito, muito fraquinho. O rapaz levantou sorrindo e fez positivo com os dois polegares, chacoalhou os braços e apontou para baixo...



Pedro correu para a caminhonete, pegou luvas bem grossas e voltou gritando:
- É melhor levantar esse pedaço de laje no muque. Deve pesar uns cem quilos.
A gente não pode correr o risco de quebrar e desabar em cima da criança...

Padma imaginou a força que o cara teria que fazer para levantar aquilo. Mas ele entregou as luvas para a moça.

- Vai Cecília, você é a mais forte daqui. Usa a luva e a gente te ajuda como der...

Cecília mal colocou a proteção nas mãos e já agachou, encaixou os dedos sob uma das quinas e começou a fazer força. Ela se atracou com a laje. Ficou vermelha, começou a gritar, a fazer força, muita força. Lentamente ela conseguiu mover um canto da pedra. Esticando as pernas sem soltar a laje, ela criou um vão, onde Pedro e Jaílton encaixaram pedaços de madeira, que tiraram da caminhonete-guincho, para usar como alavancas.

Assim que sentiram firmeza na madeira, os dois gritaram para Padma colocar pedras como apoio e, como se estivessem no lado alto de uma gangorra, usaram o peso do corpo para levantar ainda mais aquele lado da laje.

Cecília estava entre as duas alavancas já com as pernas esticadas. Quando ela sentiu que os rapazes conseguiriam manter a pedra levantada mesmo se ela soltasse, olhou para dentro do buraco.

- Tá ali! Tô vendo! É um bebê. Deve ter uns três ou quatro meses de vida. Tá inteirinho! Vou pegar!

Uma das madeiras quebrou. A do Pedro. A moça segurou o tranco no braço e manteve metade da laje levantada junto com o Jaílton. Pedro correu para ajudar segurando a pedra também.

- Pega você, Padma, rápido. Não estou mais aguentando!
Disse Cecília.

Padma colocou o trombone no chão e se arrastou entre a alavanca e a moça, olhou para o buraco e viu o bebezão, deitado de lado, parecia estar dormindo... Ele esticou os braços, pegou o nenê e já colou o ouvido no peito dele...

Tuntum... Tuntum... Tuntum...

- Tira logo ele daí!

Gritou a moça com o corpo inteirinho tremendo...

Padma pulou para trás com a criança no colo.

Cecília e Pedro soltaram a pedra e a madeira do Jaílton quebrou. A laje despencou para baixo tampando o buraco de onde havia saído o sobrevivente.

Todos correram na direção de Padma. Pela cara de felicidade dele, os dois homens e a mulher entenderam que aquele salvamento deu certo.

Cecília tirou a criança das mãos de Padma e correu para a caminhonete.

- Vamos Pedro, o posto médico da Vila Dulce não caiu. Tem médico lá... Corre!

A caminhonete saiu a toda.

Padma olhou para o Jaílton.

- Fica frio, garoto. Eles são assim mesmo... Ainda bem pro bebê. A Cecília e o Pedro vão fazer de tudo para ele sobreviver e ficar bem. Eu te dou carona no trator. Pega lá o teu cachorro e o trombone.

Padma achou que o Rabugento merecia um belo carinho na cabeça, afinal foi ele quem sentiu o cheiro do nenê quando tudo parecia perdido. Quando foi acariciá-lo, levou uma mordidinha na mão.

- O bicho é mal-humorado, hein? Tem nome?

Padma fez que sim com a cabeça para as duas perguntas. Sorrindo, escreveu com uma pedra no asfalto: Rabugento.

- Perfeito! Rabugento. Mas hoje ele também é herói. Vamos nessa!

Acomodaram-se no trator do jeito que deu e saíram.

Andaram por uns vinte minutos na maior velocidade possível, desviando de pedras e carros abandonados na rua.

Chegaram ao ginásio esportivo da cidade. Estava aparentemente inteiro.

Padma havia ido lá apenas uma vez, para assistir a um jogo de vôlei, junto com o pessoal da escola. Foi uma das poucas vezes que saiu com eles.

Os sobreviventes estavam sendo levados para lá.

Padma entrou no ginásio com Jaílton. Trombone a tiracolo e o Rabugento andando junto.

Jaílton explicou rápido para Padma:

- Assim que acabou o terremoto, o pessoal que tem jeito ou treinamento para salvar vidas começou a se encontrar e a se reunir. Parece que o prefeito sumiu, morreu, sei lá. Bombeiros, policiais, médicos, enfermeiras e outras pessoas com iniciativa e bom espírito começaram a organizar resgates e ajuda para os feridos. Como esse treco aqui ficou em pé, vieram para cá. Naquele canto tem feridos leves.

Os feridos graves ou crianças como o bebê que a gente salvou, levamos para o Hospital Santo Bento, que está com uma ala inteira funcionando, e eles têm gerador e energia elétrica, ou para o Posto de Saúde da Vila Dulce, que está funcionando como dá.

Padma olhava para todo lado. Procurava rostos conhecidos. Os vizinhos que ficaram para trás... Procurava a moça bonita da avenida Aurora, o mendigo, o executivo... Quem sabe, a tia Clotilde! Nada.

Jaílton percebeu.

- Eu também não encontrei nenhum conhecido por aí. Não desanima, não. Uma hora pula na sua frente uma cara conhecida, você vai ver... A Cecília está na mesma. A família dela é de outro Estado, não lembro onde. Ela vive sozinha aqui. Não consegue contato e não sabe de nada deles. Ela se afundou no trabalho e disse que ajuda todos como gostaria que ajudassem os seus. O Pedro é órfão, sozinho por natureza, ele disse, mas trata qualquer pessoa que precise como se fosse da família dele. Vamos voltar lá para fora esperar pelo Pedro e pela Cecília com notícias do bebê.

Padma viu um rapaz com papel e caneta no bolso e cutucou o Jaílton.

- Você quer escrever alguma coisa? Eu tenho papel e caneta. Toma.

O rapaz tirou um caderninho e uma caneta de um dos bolsos do macacão de mecânico.

Padma escreveu:

“Meus vizinhos estão na Rua Liberdade, no bairro Redenção. Machucados, precisando de ajuda. Precisamos ir resgatar”.

- Entendi...

Respondeu Jaílton. Vamos lá fora ver se a gente consegue um carro maior para ir lá.

No estacionamento, Padma viu os bombeiros que o salvaram e foi cumprimentá-los.

O Cabo Péricles e os outros soldados ficaram felizes em saber que o rapaz havia conseguido chegar até lá.

O Jaílton se apresentou rapidamente e Padma aproveitou para conhecer a história dele: era mecânico, trabalhava em uma oficina na periferia da cidade. Os pais dele morreram quando ainda era criança. Morava com um irmão mais velho e a cunhada. Jaílton não estava em casa na hora do terremoto. “Saio à noite para trabalhar e fazer uns bicos com o guincho”, contou. Voltou correndo para casa depois da catástrofe, mas não achou o irmão e a mulher dele... “Devem ter saído”, disse, demonstrando mais tristeza do que esperança.

Depois retomou o ânimo e falou que os amigos o chamam pelo apelido Jajá e contou sobre o salvamento do bebê, sobre o Rabugento, sobre o ouvido do Padma que escuta tudo e sobre o bilhete que o trombonista escreveu pedindo ajuda para os vizinhos.

Quando ouviu sobre os vizinhos de Padma, o cabo Péricles se alegrou e disse: - Nós mandamos uns colegas para lá com um caminhãozinho. Eles já devem ter sido resgatados. Devem vir para cá ou para outro lugar que estejam usando para ajudar as pessoas.

A dupla Jaílton e Padma sorriu.

O soldado Jorge, que ajudou no resgate de Padma, comentou que conhecia Cecília e Pedro.

- Ela tem duas condecorações por bravura em serviço. E o Pedro é um grande cara. Eu já fui do mesmo batalhão que ele. Depois fui transferido pro Redenção. O Pedrão sempre suspira forte quando olha para Cecília. Os dois são solteiros, sozinhos... Que bom que sobreviveram e estão trabalhando juntos... E você, onde conheceu os dois, Jaílton?

- Depois do terremoto, a oficina onde eu trabalhava ficou toda destruída. Sobrou o guincho e um trator que a gente deu um trato no motor e estavam do lado de fora. Vi a Cecília e o Pedro tentando salvar uma senhora. Eles estavam de moto. Passei o guincho para eles e assumi o trator, que é bom para desenterrar sobreviventes ou não. Passamos o tempo todo procurando quem precisava de ajuda, procurando meu irmão e resgatando quem dava. Cara, eu já tinha sacado que o casalzinho troca olhares... Mas quando perguntei, tomei ferro dos dois. Eles gritaram comigo. Disseram que não tinham nada um com o outro... Mas eu saquei... Tem romance ali...

- Onde, Jajá?

Cecília estava em pé, atrás do rapaz.

- No ar, querida, no ar...

- É um desrespeito você falar disso com tanta gente morta, ferida, sofrendo...

- Verdade, Cecília. Mas a vida continua. Vários corações continuam batendo. Alguns no mesmo ritmo, certo Beethoven?

Padma ficou quieto. Nem se atreveu a levar o trombone para a boca.

Pedro também chegou e foi direto abraçar o bombeiro que resgatou Padma.

- Jorge! Como é bom ver você com saúde! Aliás, como é bom ver vocês todos saudando o Cabo Péricles e outros dois soldados. Viram mais alguém da corporação? E suas famílias?

Ninguém tinha respostas animadoras.

Padma percebeu que falar do acidente e das pessoas perdidas era péssimo para eles. Tinham que olhar para frente e só pensar em salvamentos. Tinham que se ocupar. Senão a depressão, a tristeza, a vontade de morrer, poderiam tomar conta do ambiente.

O rapaz colocou o trombone na boca e deu dois toques
BET BET!

A moça inteligente entendeu na hora.

- Ah, claro, desculpe Padma! O bebê ficou lá no posto. Tem um pediatra lá. Ele colocou no soro, disse que precisa hidratar, alimentar e só. Não tem fratura nem nada muito sério. Se ele aguentar essas primeiras horas, vai sobreviver. Eu acredito que irá.

Padma sorriu e tocou uma música para o grupo. Ele pegou o pessoal de surpresa. Ele fez o que sabia fazer com maestria: encaixou a música onde parecia ser impossível de ela entrar. E mais: o trombonista acertou em cheio no repertório. Padma com o trombone era como um orador com palavras de conforto.

Já estava anoitecendo. O som do trombone juntou gente. Logo os socorristas, policiais, bombeiros e as pessoas resgatadas que estavam por ali no estacionamento do estádio reconheceram o trombonista da televisão.

Padma, numa das poucas vezes que abriu os olhos enquanto tomava ar antes de assoprar, reparou no jeito que Cecília e Pedro se olhavam. Era como ele olhava para a moça bonita da rua. Era o jeito que fazia corações baterem no mesmo ritmo. A próxima música foi para eles.

Durante o rápido show, a tristeza perdeu espaço e Padma se sentiu muito próximo daqueles heróis da tragédia. Homens e mulheres que colocavam a obrigação com os outros adiante dos próprios interesses e preocupações. Ele entendeu qual seria sua missão nos próximos dias: ajudar esse pessoal usando os ouvidos para escutar a vida e tocar seu trombone para afastar a morte.

As pessoas entraram no ginásio para passar a noite. Latões distribuídos pela quadra queimavam óleo diesel ou algum outro combustível para garantir luz aos sobreviventes.

Havia comida em uma longa mesa improvisada com cavaletes e pedaços de madeira. Não era uma grande refeição, mas um grande grupo de voluntários fez uma sopa com alimentos recolhidos pela cidade, além de vários outros itens comestíveis trazidos de escombros de supermercados da cidade. Havia chocolate, barras de cereais, balas e biscoitos.

Até ração para cães e para gatos havia ao lado da mesa para as pessoas que salvaram animais e os levaram pro ginásio. Num canto do estacionamento foi montado um mini hospital veterinário e um abrigo para animais vítimas da catástrofe. Da mesma forma que havia voluntários para os humanos, havia também para cães, gatos, pássaros e outros bichos.

Padma comeu e depois, junto com Jaílton e Pedro, enfrentou uma longa fila para conseguir tomar um banho rápido, de água fria, em um dos vestiários do estádio. Esses vestiários foram divididos entre homens e mulheres, assim como os banheiros. O tempo de cada pessoa era cronometrado pelos voluntários que trabalhavam para organizar a bagunça.

Depois da comida e do banho, o rapaz achou um espacinho no chão da quadra. Deitou-se sobre um edredom dobrado que ganhou de um dos voluntários. O Rabugento se aninhou pertinho dele. Dormiram rapidamente.

- Não! Não faz isso!

- Cala a boca!

Padma acordou com esse diálogo baixinho e abafado. Duas vozes: uma de mulher; outra de homem. Eram sussurros. Parece que só ele escutou aquilo. Olhou em volta e quase todo mundo estava descansando. “Ninguém mais ouviu? Será que foi sonho?”, pensou e voltou a se deitar...

- Para com isso!

Padma levantou de novo. O Rabugento rosnou e ficou olhando na direção de um dos banheiros do ginásio que ficava acima da arquibancada.

Padma correu na direção do som. Antes de colocar a boca no trombone decidiu ver se havia mesmo alguma coisa ali. Conforme subia pelas cadeiras escutou grunhidos e um choro abafado. Como alguém que chora com a mão na boca.

Padma entrou no banheiro. Era masculino. Estava bem mal iluminado por um lampião colocado ali pelos voluntários. Mas ele conseguiu ver, em um dos cantos, um cara alto, magro, moreno, segurando uma mocinha contra a parede. Ela estava de costas para ele com o rosto esmagado nos azulejos da parede. Os dois estavam sem a parte de baixo da roupa. Com a mão direita, ele apertava um canivete no pescoço da moça e com a esquerda tampava a boca dela.

Ele falava baixinho:

- Tá gostando? Tá? Boca fechada! Não reage, senão vai morrer.

Ela chorava abafado.

As pernas de Padma tremeram. Aquilo era um estupro! Paralisado, ele não sabia se tocava forte o trombone para chamar a atenção dos outros sobreviventes ou se atacava o estuprador com o trombone.

O Rabugento entrou em ação: passou correndo por Padma e mordeu a perna do magrelo. Levou um chute, ganiu e voltou para luta, abocanhando o calcanhar do estuprador.

- Sai, cachorro, sai! Sai!

Para dar outro chute no Rabugento o bandido soltou a moça. A garota era novinha. Devia ter, no máximo, uns 13 anos, pensou Padma. Ela passou por ele, seminua, e saiu correndo para fora do banheiro, gritando por ajuda.

A briga entre o estuprador e o vira-lata continuava. Rabugento levava bordoadas e voltava para morder.

- Para, cachorro! Para!

O rapaz gritava e tentava esfaquear o Rabugento que se aproximava e se afastava latindo e rosnando com raiva.



Padma, que continuava parado perto da porta, ao ver que seu cachorro iria levar uma canivetada, criou coragem e partiu para cima do cara segurando o trombone como um porrete. Rabugento era seu melhor amigo e inimigo. Era sua família.

Padma acertou a orelha do bandido com o trombone para evitar a facada no cachorro. Fez um belo corte. O estuprador bambeou com a pancada e se recompôs. Chutou o cachorro de novo e atacou Padma com o canivete.

Rabugento foi parar longe. Mesmo assim tentou voltar para ajudar. Mas já estava mancando depois de tantos chutes e ainda soltou xixi depois da última pancada. Começou a patinar no chão de azulejos molhados e perdeu a velocidade para voltar às mordidas.

Padma viu que iria levar uma canivetada. Abraçou o trombone contra o peito e encostou-se na parede. Baixou a cabeça e esperou o golpe encolhido.

A facada foi na direção do coração.

Em uma fração de segundos, o trombonista colocou o instrumento na frente.

A canivetada amassou bastante a campana do trombone (a parte mais aberta, de onde sai o som) e abriu um buracinho no metal. Mas Padma não foi estocado. Ele caiu sentado.

O bandido continuou de pé.

Rabugento ganhou o tempo que precisava para mancar e patinar até o bandido e cravou os dentes na coxa dele. O cara levantou o canivete para acertar o cachorro.

Padma, no chão, tentou assoprar o trombone para chamar a atenção, mas o som saiu ruim, chiado, baixo: o ar escapuliu pelo buraco feito pela lâmina.

POW!

Foi outro som que mudou o destino do Rabugento: o canivete não desceu. O estuprador paralisou com o braço levantado, olhando para a porta do banheiro.

Padma olhou para trás: Cecília estava lá. Ela deu um tiro de advertência, e continuou apontando a arma, agora para o peito do estuprador.

Pedro passou como um raio pela moça e pulou em cima do bandido. Ele tomou o canivete e imobilizou o bandido. Entraram vários outros policiais e bombeiros no banheiro. Além de um montão de curiosos.

Padma rolou no chão, soltou o trombone e abraçou o Rabugento. Estranhamente, o cachorro abanou o rabo e lambeu o rosto do rapaz. O carinho durou pouco. Assim que outras pessoas se aproximaram, o velho Rabugento voltou a rosnar.

- Padma, você está bem?

Ele fez que sim com a cabeça e com a mão aberta desceu os dedos da testa até a direção da barriga, fazendo o sinal de libras para obrigado. Aí juntou as mãos, como em súplica, e de novo desceu as mãos da testa para o peito, pedindo por favor em libras e apontando para Rabugento.

A moça viu o cachorro mancando.

- A gente leva para os veterinários darem uma olhada...

O garoto mostrou o trombone amassado e furado.

- Como foi isso?

Perguntou Cecília.

Padma repetiu o movimento do bandido esfaqueando o instrumento.

- O estuprador acertou uma canivetada aí?

Padma fez que sim com a cabeça.

- Uma pena isso acontecer com seu trombone, mas você teve sorte... Já pensou se esse golpe fosse em você?

O rapaz apontou, no peito, o lugar onde o bandido acertaria.

Cecília ficou séria e disse:

- Teria sido fatal.

A frase foi interrompida por Pedro, segurando o estuprador pelo braço e gritando para um policial que conhecia:

- Jonathas, reúne quem for da polícia ali no centro da quadra, por favor. A gente precisa improvisar uma cela para esse bandido até as coisas se acertarem, senão podem acabar linchando ele.

Padma viu o olhar de admiração de Cecília para Pedro.

A maioria das pessoas saiu atrás do criminoso. Outros continuaram no banheiro elogiando Padma e Rabugento. Eles queriam que o rapaz contasse com detalhes o que aconteceu.

Cecília explicou que ele era mudo e não podia falar sobre o que ocorreu. A garota que estava para ser estuprada apareceu um instante na porta. Ela estava sendo encaminhada para área onde havia médicos, mas pediu para dar uma parada ali antes. Ela olhou para Padma e falou baixinho, com lágrimas nos olhos, 'obrigado'. Nem mesmo o ouvido privilegiado de Padma escutou as palavras, mas deu para entender perfeitamente a palavra só olhando para os lábios dela.

Padma sorriu de volta.

Cecília puxou o rapaz pelo braço e saiu com ele e com o Rabugento, que estava no colo de Padma. Eles foram até o abrigo dos cães.

Uma mocinha, estudante de medicina veterinária, examinou o cachorro. Teve que colocar uma mordaca nele para evitar mordidas e o mau humor.

- Não há fratura. É só uma luxação. Vou dar uma injeção nele. Amanhã ou depois ele vai estar bom.

Padma sorriu e, imediatamente, tentou retribuir a gentileza da 'quase doutora' com uma música. O trombone chiou. Foi quando ele lembrou do furinho que o canivete do bandido fez.

A moça reconheceu na hora:

- É o trombonista da televisão! O que aconteceu com o instrumento dele?

- Um acidente. Mas a gente vai dar um jeito...

Respondeu Cecília.

De volta ao ginásio, quase todas as pessoas haviam acordado com a bagunça causada pelo estupro interrompido. A falação era intensa.

Cecília chegou perto dos bombeiros, colegas de Pedro:

- Vocês têm ideia de como a gente pode consertar o trombone do Padma? O estuprador furou ele com o canivete...

Um deles respondeu:

- Acho que teria que usar solda para esse tipo de metal... Ou procuramos uma corneta nova para ele.

- Não é corneta! É trombone!

- Isso: podemos procurar um trombone novo...

Padma olhou aflito para Cecília. Queria explicar que o trombone tinha valor sentimental, que foi dado de presente por uma pessoa muito especial. Mas como?

Com música! Ele tentou tocar algo que explicasse essa sensação, mas o som saiu ruim...

O bombeiro falou:

- Coitado! Está querendo tirar um som e não consegue... Já sei! Silva, você tem Silver Tape aí?

- Tem o quê?

- A fita prateada resistente.

- Ah! Fita crepe prata... Tenho sim.

O bombeiro fez um belo remendo sobre o buraco... Deu várias voltas com a fita sobre a área amassada e furada.

Padma fez um teste.

O som não saiu perfeito, mas melhorou. No trombone há um local para afinar o instrumento, chamado Curva de Afinação. Padma mexeu ali com muito cuidado e atenção até acertar o som. Dava para ele se expressar com música outra vez.

Tocou uma bela e antiga canção que falava do valor dos presentes dados por pessoas queridas. Cecília cantou baixinho, a letra da música. “O valor está nas mãos, na intenção, no amor de quem dá...”

Padma ficou olhando para a moça. Ela, como sempre, entendeu.

- Esse trombone foi presente de alguém especial, certo?

Ele fez que sim com a cabeça.

- Tudo bem, você fica com ele até as coisas voltarem ao normal e a gente encontrar alguém que conserte esse buraco. Mas pelo seu ato de heroísmo de hoje, você também merece outro trombone sobressalente, certo pessoal?

Os bombeiros concordaram.

Cecília e Padma retornaram para o ginásio. O local estava muito agitado. Pedro e os colegas policiais de Cecília haviam prendido o estuprador na sala de materiais esportivos, que não tinha janelas. Muita gente queria que entregassem o bandido para ser linchado. Outros gritavam que não iriam dividir comida e água com criminoso. Pedro gritava de volta pedindo calma.

- Nossa, Padma, está na hora de acontecer alguma coisa boa, senão esse pessoal vai surtar...

A moça mal acabou de falar e...

PUFF!!!

O barulho foi alto e seguido de luz. A luz se acendeu no ginásio e no estacionamento.

- A energia elétrica voltou, Padma! Voltou!

Padma sorriu.

Cabo Péricles e Jorge passaram correndo e foram até Pedro. Os gritos pelo linchamento deram lugar ao vozerio comentando o retorno da eletricidade.

Padma ouviu o cabo falando:

- O rádio! Voltou o sinal de rádio! E avisaram que tem gente chegando para ajudar!

Padma puxou o braço de Cecília e apontou para os rapazes.

Ela foi para perto deles.



Ninguém mais dormiu naquela noite.

Junto com os primeiros raios de sol, chegaram ao estacionamento do ginásio caminhões, ambulâncias, tratores, retroescavadeiras, veículos do exército, de bombeiros e suprimentos: comida, água, roupa, cobertores e medicamentos.

Pedro, Cecília, Jaílton e os outros bombeiros, policiais e voluntários que trabalharam nos resgates se reuniram com o comandante do exército, responsável pela ajuda.

Foram distribuídos equipamentos e fardas para incrementar as buscas. O pessoal foi dividido em grupos para reiniciar o resgate de sobreviventes pela cidade.

Cada grupo que se formava, saía rapidamente dali. Sobraram apenas Cecília, Pedro, Jaílton, Péricles, Jorge e alguns soldados do exército que haviam acabado de chegar.

Padma prestou muita atenção em Cecília, que estava falando com o comandante. Tentava ouvir alguma coisa e olhava fixamente nos lábios deles... General Fe... Isso, general Félix.

Cecília apontou para Padma. O oficial olhou com atenção, sorriu e acenou. Padma acenou de volta e foi até lá.

- Você é o famoso trombonista... Assisti à reportagem sobre você, no dia anterior ao terremoto. Você é talentoso, rapaz... E pelo que a tenente Cecília da Polícia Militar falou, você também tem talento para ouvir sobreviventes e para pegar bandidos, certo?

Padma sorriu constrangido e fez que sim com a cabeça. O Rabugento, que chegou atrasado por que estava mancando, começou a rosnar.

- Ah! Esse aí é o seu parceiro? Vou dar boas notícias: vocês dois podem acompanhar a equipe 1. Eu dei esse número para a equipe que a tenente Cecília irá chefiar. Ela merece muita consideração pelo que fez até conseguirmos vencer as barreiras na estrada e chegar aqui. Ela pediu para continuar também com o soldado do corpo de bombeiros, Pedro, e com aquele mecânico voluntário... O Jaílton. Além de você e seu cão farejador. Vou deixar com vocês alguns excelentes homens treinados em resgate em situação de catástrofe. Há uma retroescavadeira de plantão, aqui, caso precisem. Basta acionar pelo rádio. Ah! O bebê que vocês resgataram ontem está bem. Muito bem. Já estamos regularizando as comunicações com posto de saúde, hospital, outros centros importantes da cidade e centralizando informações. Tanto sobre as coisas boas como sobre as pessoas ruins.

O general apontou para o local onde o estuprador estava preso.

Cecília foi para o banheiro do ginásio com uma muda de roupa, um novo uniforme, que recebeu de um dos soldados. Rapidamente voltou vestida com a nova farda. Reuniu os amigos e os novos comandados.

Mostrou em um mapa da cidade como foram divididas as equipes. Havia pessoal de resgate; de policiamento, para evitar saques ou abusos; e de reestruturação da ordem, com engenheiros, eletricitas, encanadores e outros profissionais voluntários preocupados em restabelecer a civilidade entre os sobreviventes.

Padma se impressionou com a rapidez com a qual aquilo tudo foi organizado.

Cecília e sua equipe 1 tinham por missão continuar na busca por pessoas vivas entre os escombros. Saíram com o trator, a caminhonete e um caminhãozinho.

Trabalharam o dia todo.

Na maior parte do tempo, apenas se decepcionaram. Mas duas situações fizeram tudo valer a pena.

Na primeira, Padma ouviu o choro de um cachorro. Acharam uma cadelinha que cavava o entulho de uma casa destruída, mesmo com uma patinha quebrada. Tiraram, dali, ainda viva, a dona do animal: uma senhora que perdeu o marido e uma sobrinha. Estava bem ferida e debilitada, mas estava consciente. Quando a levaram para o hospital, pelo nome, conseguiram avisar o casal de filhos e os netos, que estavam bem e rapidamente foram encontrá-la e à cadelinha heroica.

Depois, salvaram pai e filho que estavam presos em um espaço entre duas lajes num pequeno prédio destruído pelo tremor de terra. A mãe não sobreviveu. Havia muita água no local vinda de canos rompidos. Isso garantiu a sobrevivência dos dois, que puderam se manter hidratados.

O mérito desse resgate ficou para o Rabugento. Mesmo manquitolando, depois de rodar muito entre os escombros, ele farejou a dupla.

No final da tarde, depois do dia de trabalho, Cecília sentou-se na calçada em frente ao ginásio e parecia bem cansada falando com Jaílton:

- Um dia inteiro e a gente só achou três pessoas e uma cadela. O número de sobreviventes está diminuindo. A cada hora, cada minuto que passa, reduz a chance de achar mais alguém. Agora que estão chegando outros profissionais de resgate e melhorando as condições de trabalho, acho que a gente não pode parar durante a noite. Se o Padma e o Rabugento aguentarem, acho que a gente deve continuar... O que você acha, Jajá?

- Acho que sim.

Ele respondeu meio desanimado.

Padma percebeu. Por alguns minutos deixou de ser socorrista, voluntário, bombeiro e voltou a ser músico.

Tocou um som animador, reconfortante, ritmado. Uma música que estimulava quem passava perto a dar uma chacoalhada, uma reboadinha, uma batida de palmas ou um sorriso.

O som do trombone continuava baixo, meio chiado, mas a qualidade do músico por trás das notas precisas e bem tocadas, era a mesma.

Mal acabou a primeira música e Padma emendou outra: um sucesso das rádios, que falava que a noite só estava começando, que era uma criança e que tinha muita coisa ainda para rolar. Coisas boas...

Vários bombeiros se reuniram para cantar em volta do trombonista antes de voltarem para seus carros e saírem, animados, revigorados.

- Quem é esse cara?
Perguntou um dos soldados.

- Padma Tosh. O trombonista da tevê. Ele é mudo, mas fala pela música. É o maior sucesso dessa cidade. Você não viu ele tocando no telejornal antes do terremoto?
Respondeu Pedro.

- Não. Não vejo muita televisão. E vim de longe como voluntário. Mas o cara é bom. Além de soldado eu sou músico. Parece que tem algo de errado com o trombone dele.

- Levou uma facada.

- Como?

- É... Ele tem um ouvido muito sensível. Ontem de madrugada, no ginásio, ouviu uma garota sendo estuprada em um dos banheiros e foi com o cachorro dele, ajudar. Se meteu numa briga e estragou o instrumento. A gente queria achar um novo para ele, mas por enquanto está tudo muito confuso.

- Eu passei por uma loja de instrumentos hoje, quase inteira...

- Tá brincando... Onde?

- Ah... Eu conheço pouco essa cidade. Mas o motorista do caminhão que me trouxe para cá conhece bem. É um cara grandão, desengonçado, ele disse que trabalhava na manutenção do Corpo de Bombeiros. O nome dele é Damião.

- Claro, o Damião. Damião Neto.

- Isso. Pergunta para ele onde é. Ele vai saber por que eu quis parar e dar uma olhada no que sobrou da loja, mas ele não podia parar naquela hora. Fala com ele e se vocês forem lá, por favor, avisem. Quero ir junto!

- Pode deixar! Qual é o seu nome?

- Leopoldo.

- Eu sou Pedro. Você toca qual instrumento?

- Guitarra.

- Vou falar com o Padma. Depois disso tudo, quem sabe vocês tiram um som juntos.

- Será?

- Não sei se ele já acompanhou ou foi acompanhado por alguém.

- Ia ser o máximo. O cara toca como se estivesse falando. É diferente. É técnico e natural ao mesmo tempo. Ia ser o máximo. Avise quando forem, hein?

- Ok.

Pedro chegou perto de Cecília. Contou a novidade. A moça ficou animada.

- Boa notícia! Mas não conta para ele não. Vamos fazer surpresa!

Pedro saiu correndo atrás do Damião.

Depois de uns 20 minutos, ele voltou e falou com Cecília.

- Duas boas notícias: falei com o Damião e combinamos de ir lá na oficina.

Outra coisa importante: vi que você estava meio desanimada. Procurei o general e consegui emprestado esse telefone por satélite. Ligue lá para a casa da sua família, veja se está tudo ok com o seu pessoal...

Cecília ficou agitadíssima. Pegou na hora o aparelho e discou. Ela se afastou um pouco. Em seguida caiu de joelhos. O corpo forte, musculoso se agitava todo. Dava para ver que ela estava chorando. A moça se levantou e virou para onde Pedro estava. Sorriso no rosto e lágrimas nos olhos.

Padma e Jaílton se aproximaram para saber o que havia.

Cecília devolveu o telefone para Pedro e falou aliviada:

-Não teve terremoto na cidade da minha família. Estão todos bem por lá. E muito felizes porque eu liguei. Obrigada, Pedro. Obrigada de coração.

Ela deu um beijo no rosto do galã. O bombeiro ficou desconcertado. Não conseguiu esconder o quanto gostou.

Padma percebeu. Decidiu que daria uma forcinha para eles, mais tarde. Na hora certa, com a música certa.

A equipe 1 passou a noite rodando pela cidade. Nada de sobreviventes. Mas ajudaram muitas pessoas que perderam casas, móveis, roupas e não sabiam para onde ir. Distribuía água, indicavam o caminho do ginásio e o Jaílton se revezava entre o trator e o caminhãozinho para dar carona para pessoas machucadas, com mais idade ou debilitadas.

Depois de tanta ação, de madrugada, Padma e Rabugento acabaram cochilando na carroceria do caminhão da equipe.

No comecinho da manhã, junto com os primeiros raios de sol, Pedro parou na frente dos dois com o rádio de comunicação na mão.

- Acorda, garoto! Temos uma surpresa!



Padma abriu os olhos. Viu que já estava amanhecendo. Percebeu outro caminhão ao lado do da equipe 1.

Cecília gritou da rua:

- Vem, Padma!

O rapaz se levantou e olhou para onde ela estava: na calçada, em frente ao que parecia ter sido uma loja de...

- É uma loja de instrumentos musicais, cara. Você conhece? Foi o Leopoldo quem falou.

Padma fez que não com a cabeça.

- Não conhece essa ou não conhece nenhuma?

O garoto negou com a cabeça de novo e fez cara de fascínio.

Jaílton concluiu:

- Acho que ele nunca entrou numa loja de instrumentos musicais.

- Cara, que história será que está por trás desse garoto? Perguntou Leopoldo.

- Vai saber... Seja qual for, está presa ali na cabeça dele. Concluiu Jaílton.

Cecília ouviu a conversa e sentiu pena de Padma. Ele não podia falar sobre suas tristezas, seus medos, suas perdas... Era para ele ser uma pedra silenciosa, não fosse o trombone.

- Depois vou pedir para ele escrever tudo. Agora, vamos lá ver se tem trombone aí dentro.

Padma não quis entrar na loja. Rabiscou com uma pedra no chão: "Não é certo. O dono não está aí."

Pedro sorriu quando leu.

- Você é um cara legal, Padma. Fique tranquilo. Ache o seu trombone. Quando as coisas se acalmarem, prometo que eu volto aqui para pagar. E se for muito caro, tenho certeza que o pessoal dos bombeiros vai me ajudar fazendo uma 'vaquinha'.

Padma, ainda meio desconfiado, sorriu e entrou na loja. Qualquer preocupação se desfez imediatamente. Ele ficou encantado. Realmente, Padma nunca havia estado em loja de música. Sua vidinha era muito humilde e simples. A mãe não o deixava fazer nada...

E mesmo quando tocava no Centro, Padma não perdia muito tempo em frente às vitrines. Sabia que não podia comprar nada. Tinha que dar tudo em casa.

A loja toda estava empoeirada. Mas por baixo da fina camada de pó, havia belíssimos instrumentos. Padma descobriu um novo mundo. Encantado, passou a mão por tudo que pôde. Às vezes, pegava alguma coisa e olhava mais de perto, arriscava um som, encostava o ouvido, pousava os dedos para sentir a vibração.

Repetiu essa cerimônia com quase todos os instrumentos acústicos: violões, bateria, violino, tamborim, flauta, trompa, viola, cavaquinho. E teria feito o mesmo com guitarras e demais membros da família elétrica se tivesse como ligá-los. Mas o poste na frente da loja havia caído e estava sem luz.

Padma era seguido de perto pelos amigos. Eles estavam se divertindo com a alegria do rapaz. O Rabugento rosou bastante e latiu no começo dos testes musicais, depois se aninhou num canto e dormiu.

Padma revirou a sessão de instrumentos de sopro. Mexeu, olhou, procurou... Nada de trombone de vara. Ele olhou aflito para Cecília.

- Calma! Fica aí se divertindo que eu vou na parte de trás da loja ver se tem trombone por lá.

Padma cansou de procurar e, enquanto esperava a amiga, sentou-se em um banquinho. Era banquinho de piano. E que piano atrás dele! Profissional. Só que Padma estava de costas para o instrumento. Foi Leopoldo quem chamou a atenção do rapaz.

- Olha que piano lindo! Uau! Eu amo o som de piano. Pena que só entendo de guitarra.

Ele fez o comentário e voltou para onde havia violões e baixos acústicos.

Padma virou para o piano, abriu a tampa do teclado e começou a apertar as teclas. Primeiro as brancas, depois as pretas. Apertou e ouviu atentamente todos os sons. Levantou-se, abriu a tampa que protegia as cordas. Olhou para dentro do piano. Voltou a bater nas teclas.

De repente, o rosto de Padma se iluminou: pela segunda vez na sua vida, ele viveu um momento sublime, como se tivesse resolvido a mais complexa das equações de matemática ou como se tivesse entendido algum grande segredo do universo...

Animado, o rapaz se sentou de novo de frente para o piano. Novamente apertou as teclas, mas de um jeito menos tímido. Mexeu os dedos das mãos, como se estivesse aquecendo ou alongando as articulações. Foi aí que aconteceu a mágica: Padma, que nunca havia sentado na frente de um piano, começou a tocar o instrumento como se o tivesse estudado a vida inteira.

Tocava compenetrado, como se estivesse em transe, como se precisasse colocar para fora um mar de músicas represado dentro dele. Eram sons lindos. Ele ia de uma música para outra alucinadamente: clássico, jazz, popular.

Pedro, Leopoldo, Jaílton, bombeiros, soldados, sobreviventes, quem estava nos arredores foi atraído pela música de Padma.

As pessoas, também numa espécie de transe, começaram a se reunir em volta dele. Era como o flautista da história infantil, que encantava os ratos com sua música.

Do fundo da loja, Cecília gritou:

- Tem luz aí? Quem ligou esse aparelho de som? Que música linda... Quem é o pianista?

A moça não havia encontrado um novo trombone, mas quando voltou para o salão da loja, viu que Padma havia descoberto um novo instrumento.

- Nossa! Isso é maravilhoso! Essa música é maravilhosa!

Padma tocava, tocava e tocava...

Com as mãos cada vez mais ágeis, cada vez mais seguras. Os dedos pareciam ter vida própria. Cada um decidia rapidamente onde deveria bater no teclado e batia com precisão. Só vendo para acreditar. Só ouvindo para sentir...

Pedro não pensou duas vezes:

- A gente precisa levar esse cara daqui. A gente precisa mostrar isso. É muito bonito!

Jaílton sugeriu:

- Vamos colocar Padma Tosh, o Beethoven que escuta, o cachorro Rabugento e o piano na traseira do caminhão. A gente sai por aí que nem uma caixinha de música. Isso vai levantar o moral da tropa.

O pessoal começou a discutir se dava para fazer isso quando um senhor de cabelos bem brancos, mancando de uma das pernas, entrou esbaforido na loja. Parou diante de Padma, colocou as mãos na cabeça e começou a chorar.

- Isso é lindo!

Cecília, ainda impressionada, aproximou-se do senhor.

- Tudo bem? O senhor está bem?

- A loja é minha. Tenho há mais de 40 anos. Minha mulher era professora de piano. Foi por ela que comecei a trabalhar com instrumentos musicais. Eu amo música. Ela amava ainda mais que eu... Os alunos eram as crianças dela, nunca conseguimos ter filhos nossos...

Ele começou a chorar.

- Ela tinha que ouvir esse rapaz. A gente mora na rua de trás. Lá caiu tudo. Aqui, nada. Ela tinha que ouvir.

- Onde ela está?

Perguntou Cecília.

Faleceu. Faz dois anos. Quem ensinou ele? Eu devo conhecer, qual é a escola dele?

- Olha, senhor, meus sentimentos por sua esposa. Como é seu nome?

- Heitor.

- Seu Heitor, pode parecer mentira, mas acho que é a primeira vez que o Padma toca um piano. Ele é mudo, não fala nada, mas se expressava magnificamente com um trombone. Ah! Ele apareceu na televisão...

- Na véspera do terremoto! Eu vi! Foi um dos poucos momentos de alegria dos últimos tempos. Fiquei emocionado e pensei muito na Julieta, minha mulher. Ela teria adorado ouvir esse menino...

- Pois é... Ele está ajudando a gente no resgate dos sobreviventes. O trombone dele foi avariado. A gente veio aqui para ver se encontrava um novo... E aí, ele começou a tocar esse piano e... Foi essa maravilha. Seu Heitor, quanto custa o piano?

- Por quê?

- Queríamos colocar o piano e o rapaz no caminhão e levar lá para onde estão os sobreviventes. Seria um jeito de tentar melhorar as coisas por lá, mas quanto custa? A gente dá um jeito... Os bombeiros podem fazer uma vaquinha... É muito caro?

- É um piano Steinway. Para muita gente é o melhor piano que existe no mundo. Custa 100 mil...

- Nossa! Assim não dá.

- Pode levar. O piano podia ter sido destruído no terremoto.

- Como?

- Pode levar o piano se me levar junto. Um dia tudo isso de ruim vai passar. O garoto tem família?

- Não. Está sozinho.

- Ele precisa estudar música, ganhar opções. Eu quero fazer o que tenho certeza que a Julieta faria: dar uma chance para ele. Ele é um fenômeno...

Padma fez uma pausa e a última frase do Sr. Heitor foi escutada por todo mundo.

Padma estava absolutamente extasiado. Com certeza, ele não tinha ideia que podia tocar outro instrumento além do trombone. E tão bem!

Cecília virou para Pedro e começou a organizar uma nova operação: música para sobreviventes.

- Pedro, Jajá, vamos carregar esse piano para o caminhão. Vamos fazer um concerto lá no ginásio. Mais gente vai ouvir música hoje. Chega de tristeza e de notícia ruim.

- Mas Cecília, será? O pessoal lá está sofrendo muito...

- Pedro, música não faz mal a ninguém. E a música do Padma é boa, muito boa. Você ouviu. Ele sabe o que tocar para as pessoas. Você sabe disso...

Os dois trocaram olhares por um segundo. Tempo suficiente para Padma perceber o carinho, a cumplicidade, o amor entre eles... Só faltava uma oportunidade.

Oportunidade... Sobre isso Padma podia fazer algo. Ele se debruçou sobre o piano. Estalou os dedos, fechou os olhos, pensou na moça de voz bonita e tocou as teclas.

Osom saiu maravilhoso e a música foi perfeita. Muito romântica. Padma deixou fluir toda vontade de um dia ouvir a voz de novo... Deixou esse sentimento descer pelos braços e sair pelos dedos. Fez uma belíssima declaração de amor com as mãos, teclas, piano, música, paixão.

Quando acabou, Padma olhou de novo para o casal. Cecília e Pedro estavam se olhando, bem próximos. Quase se abraçando, quase se beijando, com os lábios pertinho, pertinho. Se a música tivesse mais uma nota...

- Vamos, pessoal!

Gritou Jailton, já com a carroceria do caminhãozinho aberta.

Não ia ser ali, pensou Padma, mas na próxima música certa.

- Vamos lá, pessoal! Vamos levar o piano, o garoto, o cachorro, o Sr. Heitor, todos para o caminhão!

Animou Cecília.

Rapidamente os bombeiros e os soldados se organizaram e começaram o transporte do piano.

Seu Heitor se esqueceu um pouco da tristeza para rodear o pessoal e dar dicas importantes para o Steinway não desafinar.

- Mas se o som ficar fora do tom, eu sei acertar. Ah, como sei! A Julieta era muito exigente com a afinação.

A operação de Cecília era simples: levar música e conforto para as pobres vítimas da fatalidade, da tristeza, da dor, do sofrimento.

A execução resultou em um quadro surreal: o caminhão do exército seguindo por ruas destruídas, sol já alto no céu, poeira deixando tudo meio embaçado e Padma mandando bala no piano. A música fazia a trilha sonora dessa cena improvável e bonita...

Chegaram ao ginásio e imediatamente se apresentaram ao general Félix.

Cecília relatou as ações que realizaram durante a noite e a descoberta do início da manhã. O general não parecia ser muito sensível para música, artes ou para qualquer coisa que não fosse organização, logística, ordem, arrumação.

Mas ele andou até o caminhão. Curioso em ver o piano caro na traseira de um de seus veículos. Ele nunca havia visto nada parecido.

Quando o general Félix se aproximou, Padma percebeu o rosto aflito de Cecília, entendeu que ela precisava de consentimento do comandante para seguir com o plano de levar música para o maior número possível de sobreviventes.

Padma olhou, então, com cuidado para o general. Analisou ele todo: o jeito de andar, o rosto com rugas bem marcadas, cabelo curtinho, grisalho, farda e físico impecáveis. “Disciplina é algo muito importante para ele”, pensou, procurando uma música na memória que embalasse tudo isso e que atingisse em cheio o gosto do militar.

Padma, que tinha uma capacidade de computador de se lembrar das melodias e nenhuma dificuldade em executá-las, soltou pelos dedos sua homenagem musical ao general.

Tocou uma marcha marcial, que ouviu nos tempos da corneta, quando pesquisava toques e sons de corneta. Mas fez um arranjo diferente para o piano: encheu de bossa e suingue.

Foi a escolha perfeita para o general: bem marcada, forte, notas colocadas com perfeição, sem erro nem desleixo. Nenhuma tecla podia ser tocada por engano. A execução saiu impecável, matemática, redonda, disciplinada, mas bem emocionante ao mesmo tempo.

O general parou diante do piano, tirou o quepe da cabeça e colocou embaixo do braço. Fechou os olhos, levantou o queixo e se deliciou com a marcha musical.

- Isso é excepcional! Como ele faz? É como você disse, senhorita, parece que ele toca piano desde que nasceu! Ele deve ter aprendido alguma coisa antes de hoje...

Padma parou de tocar e balançou a cabeça fazendo que não, para responder que nunca havia tocado piano antes.

- Por favor, volte a tocar, volte a tocar!

A voz do general era como um trovão, que dá ordem e deve ser respeitada. Padma voltou ao piano.

O general virou-se para Cecília:

- Moça, sua ideia tem sentido. Ele vai tocar para todo mundo hoje à noite! Vou dar uma organizada nessa apresentação. Talvez eu consiga equipamento de iluminação, microfones e amplificadores. Se vamos dar música para confortar os sobreviventes, vamos fazer isso com estilo. Tenente Lucas, por favor, reúna a equipe de comunicação e veja o que é possível ser feito.

Cecília sorriu para Padma, que sorriu de volta.

A moça correu para abraçar Pedro e Jaílton.

Leopoldo comentou com o senhor Heitor:

-É... Parece que as coisas estão melhorando, não é?

O homem sorriu.

No final da tarde, a notícia de que Padma faria um recital para os sobreviventes havia se espalhado. A maior parte das pessoas gostou da ideia.

Alguns só que reclamavam: “Não é hora de música, é hora de silêncio, de respeito com a dor das pessoas”, falou uma senhora sentada num canto do ginásio, sem esperança nem animação nos olhos.

Padma ouviu o comentário, olhou assustado para o Jaílton.

- Calma, rapaz. Ela não conhece você. Não sabe do que sua música é capaz. Vou ser sincero, eu mesmo nunca fui muito ligado em ouvir música. Mas você tem um jeito especial de cativar os outros pelo som. Algumas pessoas sabem lidar com palavras, fazem discursos, animam os ouvintes. O seu caso é de um orador brilhante que usa notas musicais no lugar das palavras. Você sabe dizer, ou melhor, tocar o que cada pessoa precisa ouvir. Você toca fundo no coração de cada um, cara. Desde que você apareceu lá no meio da rua, com o cachorro e o trombone, as coisas melhoraram. Ouvindo você eu não fico tão triste por não achar meu irmão nem minha cunhada. A Cecília se aproximou

ainda mais do Pedro. A gente salvou várias pessoas. Você tem esse dom de animar os outros, de confortar. Faça isso hoje, do seu jeito. Com piano, com trombone, seja com o que for. Aposto que se eu te der uma caixinha de fósforos, você sai batucando e leva um monte de gente atrás de você. Talvez você seja, de verdade, descendente daquele flautista que encantava as crianças com a música, sabe? Conhece a história?

Padma fez que sim com a cabeça, sorrindo.

Os dois viram que um grupo de soldados conseguiu improvisar um palco, num dos cantos do ginásio.

Do lado de fora, na entrada do estacionamento, começou um grande burburinho. Padma e Jájá foram ver do que se tratava...

Era a jornalista que havia entrevistado Padma antes do terremoto. Ela sobreviveu e já estava em atividade novamente. Quando se aproximaram, conseguiram vê-la trabalhando.

- Grava aí, Dorival. Hoje o jornal volta ao ar e quero uma reestreia com o mesmo sucesso do último dia antes do blecaute. Vamos emocionar todos. Daqui do centro da tragédia para o mundo.

- Ok, pode mandar bala, Larissa. Tô gravando.

- Aqui no ginásio municipal, um personagem muito especial irá fazer uma apresentação musical para confortar os bravos sobreviventes do terrível terremoto da semana passada, que assolou e destruiu quase completamente a cidade e a região metropolitana. O País se mobilizou, mandou ajuda e estamos começando a nos recuperar. Hoje, aquele garoto que encerrou o Mundo em Notícias poucas horas antes do terremoto, vai fazer o que esperamos ser a abertura de dias melhores. Padma Tosh, lembra? O garoto que assombrou o país com a sua apresentação de trombone, sobreviveu, ajudou muita gente, salvou vidas e se transformou em herói. Inclusive lutou com um estuprador e levou uma facada no seu trombone para salvar uma menina em apuros... O instrumento musical ficou avariado e o garoto encontrou outra forma de se expressar. Você vai ver... É uma história espetacular que você vai ver, no Mundo em Notícias!

Padma, sem entender como ela sabia de tudo aquilo, tentou sair dali sem ser notado, mas as pessoas gritaram para a repórter.

- Ele está ali, o Padma está ali. É ele, é ele!

Larissa saiu desesperada atrás do rapaz. O cinegrafista e o operador de áudio acompanharam.

- Padma, meu amor, que bom rever você!

A moça chegou abraçando, dando beijinhos, como se fosse íntima e velha amiga de Padma...

Constrangido, ele ficou ruborizado...

- Padma Tosh, olhe para a câmera. Hoje você vai ficar famoso no mundo todo. Responda para mim: o que você passou nos últimos dias?

Silêncio. A resposta veio do Jaílton.

- Ele é mudo, lembra?

A moça fez cara de saco cheio.

- Ah, é claro! Maldita empolgação. Corta isso, Dorival.

Ela tentou combinar com Padma:

- Querido, você pode me dar uma entrevista tocando? Seu trombone está por aí? Ou dá para gente ir até o piano?

Padma apontou para dentro do ginásio onde havia deixado o trombone e o Rabugento descansando. Ela pediu para o cinegrafista retomar a gravação.

- Padma, seu trombone está muito estragado?

Ele fez mais ou menos com a mão.

- Então, eu soube pela comunicação do exército que você arrumou um outro jeito de se expressar e de encantar as pessoas com a sua música. É outro instrumento musical, certo?

Padma fez que sim com a cabeça. E entendeu como a repórter ficou sabendo de tudo que aconteceu: a equipe de comunicação do exército, que preparou o show, também fez a divulgação do show e das coisas que ele passou.

A moça aproveitou o clima de suspense, olhou para a câmera e concluiu:

- Vocês verão, daqui a pouquinho, ao vivo, o novo som que esse rapaz escolheu para se expressar e para dar conforto aos sobreviventes do terremoto. Não saiam da frente da televisão. Eu garanto que vocês irão amar!

Como na outra entrevista o sorriso sumiu imediatamente após o cinegrafista abaixar a câmera.

- Valeu, garoto! Eu vou entrevistar umas pessoas por aí, ouvir o que elas falam sobre você. Vou falar com os soldados que você ajudou. É verdade que você ouvia sons e dizia onde havia feridos?

Jaílton respondeu:

- É. Ele ouvia e o cachorro dele farejava. Formam uma grande dupla.

- Você estava com o garoto?

Perguntou a jornalista.

Jaílton se aproximou da repórter e iniciou uma interminável e detalhada narração de tudo que ocorreu nos últimos dias, inclusive com detalhes sobre Cecília, Pedro, Leopoldo, loja de música e o Sr. Heitor. Padma tentou sair sorratamente. Quando estava se afastando ouviu a repórter gritar para ele:

- Por favor, precisamos que você toque o piano para a gente antes da apresentação, para a gente gravar uns detalhes e closes seus, tá bom? Na hora do jornal, essa reportagem que acabamos de gravar vai passar e aí entramos ao vivo mostrando seu show, beleza?

Padma fez que sim com a cabeça.

E foi para dentro do ginásio, para perto do Rabugento.

Abraçou o cachorro e começou a chorar.

Apesar das coisas boas que haviam acontecido nos últimos dias, Padma estava com saudades da mãe, da tia Clotilde, da vidinha que levava. Ele estava com fome e nem tinha para quem pedir comida. O amigo trombone estava furado...

De tudo que ele tinha antes do terremoto, só sobrou o Rabugento. Ele apertou ainda mais o cachorro, que já estava rosnando, e chorou ainda mais.

Padma sentiu vontade de ir embora, sair dali, sumir. Outra vez, a voz da mãe veio à sua cabeça: “Coitado do mudinho, não pode fazer muita coisa.”

A tristeza sumiu.

“Mudinho... Eu vou mostrar que posso ajudar”, pensou.

Levantou-se e foi para o piano, que já estava no palco.

Um dos soldados que preparava a apresentação gritou para outro:

- Alcides, prepara a mesa de som aí, que acho que o guri vai passar o som. Os microfones já estão posicionados.

Padma se sentou na banquetta, esticou as mãos para as teclas. Tristeza, saudade, raiva, fome, tudo virou música.

Quando ele acabou a primeira melodia já havia muita gente em volta do palco.

O soldado, agitado, gritou de novo:

- Alcides, acho que o show já começou, olha quanta gente aí em volta.

- Mas não tá na hora. O pessoal da comunicação disse que aquela repórter Larissa Costa ia subir no palco e fazer a apresentação do garoto. Era para ser daqui uma hora.

- Esquece Alcides. Abre o som, que eu vou para luz. O guri já está arrasando. Deixa ele tocar.

Padma tocou. O som era muito bom, muito alto.

Todo mundo que ouvia a música, seguia para perto do palco. A cada pausa as palmas aumentavam. A música ficava cada vez melhor. O público respondia com gritos, assovios, lágrimas.

Padma escolhia emoções, achava a música certa e soltava as notas. Direto das teclas do piano para os corações da plateia.

Cecília cutucou Pedro.

- O Padma começou o show! Que maluco! Assim, do nada...

- Do jeito dele, Cecília. Começou naturalmente, sem aviso e pompa, bem do jeito dele.

Pedro passou o braço pelo ombro da moça. Eles ficaram um segundo sem respirar. Depois se olharam, sorriram e relaxaram. E foram para o mais perto que conseguiram do palco, juntinhos, para assistir ao show.



O general quase ficou bravo, mas assim que foi para o meio do ginásio e viu como a música fazia bem para as pessoas, ficou tranquilo. Na verdade, ficou emocionado e começou a cantar, com todo mundo, com sua voz de trovão, a música que o Padma estava tocando e que falava de esperança, amor e amizade, em momentos difíceis...

Na primeira fila, Jaílton, Leopoldo e o Sr. Heitor estavam emocionados e orgulhosos de ouvir Padma. Orgulho porque eles sentiam que, de alguma forma, faziam parte daquele acontecimento.

A repórter zanzava para cima e para baixo com a equipe. Brava, queria saber quem autorizou o início da apresentação, sem que ela fosse avisada. Foi até o general, mas levou uma olhada fulminante do militar, que não queria ser incomodado. Ela nem se atreveu a reclamar.

Depois relaxou. Achou que Padma dedicou uma das músicas para ela, pois o rapaz olhou para onde a equipe estava, sorriu e mandou mais um lindo som para os ouvidos da plateia.

- Essa é nossa, Dorival! Manda abrir o link ao vivo, que vou falar para os telespectadores que o garoto prodígio está de volta, agora de piano, e que ele dedicou uma música para o nosso jornalismo. É sucesso de audiência, Dorival, sucesso!

O cinegrafista fez o que a moça pediu. O show foi transmitido ao vivo pelo telejornal. Para todo o País.

Como naquelas histórias de final feliz, todos pareciam ter se dado bem. Mas na vida real não é bem assim: Jaílton ainda sentia falta do irmão, seu Heitor da esposa, as pessoas tinham problemas e tristezas de sobra. O general sabia que o número de mortos e desaparecidos ainda era absurdamente alto.

Padma tocava para espantar a tristeza, a solidão, a dificuldade de não ter voz para pedir atenção. Tocava para se comunicar e ser aceito, querido, amado.

Mas durante o show, o tempo foi mágico: todo mundo desligou o botão da tristeza e se realizou. Como nas histórias de final feliz...

Para completar o sucesso, Padma deu o empurrãozinho que faltava para o casal Pedro e Cecília. Entre uma música e outra, enxergou Cecília e Pedro abraçados. Ele tocou como se estivesse tocando para a moça de voz linda da avenida Aurora. Foi puro romantismo. A policial e o bombeiro finalmente se beijaram. Quem viu, sorriu. Quem não viu, não precisou se preocupar: aquele foi só o primeiro de muitos beijos que aquele casal tinha para dar.

Uma hora de show, de alegria, de descontração. Até que o Rabugento aproveitou um momento de silêncio e se levantou debaixo do piano e saiu do palco. Foi a deixa para o artista se levantar e sair atrás do cachorro, seu melhor amigo, seu irmão, sua família.

Os aplausos foram entusiasmados. Sucesso mais que absoluto. Atrás do palco, do meio daquele público que começou desanimado e acabou em êxtase, apareceram executivos e empresários querendo planejar a carreira de Padma. Apareceu até o dono de uma gravadora semidestruída no terremoto, querendo garantir a gravação do primeiro disco pós-reconstrução da cidade.

Fora os comentários sobre tudo de bom que aconteceria depois que a reportagem do retorno de Padma fosse ao ar.

A repórter não poupou elogios e ainda aproveitou para posar ao lado do pianista, trombonista, para foto, imagem e o que mais tivesse luz ou flash e apontasse para eles.

Padma usou a falta de fala para deixar que os novos namorados, Cecília e Pedro, junto com o senhor Heitor, Leopoldo e Jaílton se encarregassem de responder às perguntas e cuidassem de tantos novos fãs. O rapaz saiu dali. Queria silêncio.

Padma foi para um cantinho do ginásio, perto do Rabugento, onde estavam as poucas coisinhas deles. O garoto pegou o velho trombone. Tocou uma nota. Tirou um som longo, comprido...

Ele estava feliz com os novos amigos, mas ainda sentia uma pontinha de tristeza. Faltava alguma coisa. Faltava alguém.

Padma tinha consciência de que teria que aprender a viver com a ausência da mãe e de tia Clotilde. Ele sentia um vazio no peito. A música sempre foi o conforto para essa sensação, que às vezes perseguia o rapaz.

Ele tocou outra nota comprida no trombone furado...

- Lindoooooooo!

Padma percebeu que uma linda voz feminina cantou 'lindo' no tom certinho do som que ele soltou do trombone. O coração dele começou a bater forte, muito forte, quase saiu pela boca. Será que ele ouviu direito?

Ele voltou a tocar, como que provocando para ouvir o canto novamente...

E ouviu:

- Lindoooooooo! E eu me sinto enfeitiçada, correndo perigo... Seu olhar, é simplesmente lindoooo... Mas você não me diz nada, menino bonito... Quero olhar, você...

A letra da música não era exatamente essa, mas serviu direitinho para a situação.

Da sombra de onde vinha a voz linda e afinada, saiu a moça com quem Padma sonhava o tempo todo. A moça que salvou a vida dele com aquela garrafinha de água providencial.

A moça da avenida Aurora. Linda, maravilhosa, com uma voz perfeita. Padma não sabia absolutamente nada dela, exceto que ela era o som que faltava para dar sentido à vida dele.

E como ela cantava. De um jeito tão especial quanto Padma tocava: lindo, cativante, perfeito, confortante.

Padma ficou hipnotizado...

- Oi menino bonito! Puxa, procurei você pela cidade inteira, sabia? Eu fui centenas de vezes lá no Centro, na avenida Aurora, onde você tocava, para ver

se você aparecia por lá. Eu estava desanimada. Como a gente ia se encontrar depois desse terrível terremoto, não é?

Padma chacoalhava a cabeça concordando com tudo e olhando para ela como se fosse uma visão celestial.

- Mas não é que deu certo? Então vamos lá, como só eu que falo, vou tagarelar. Meu nome é Valéria. Valéria Lima. Tenho 19 anos. Moro sozinha aqui na cidade. Vim para cá para estudar. Faço faculdade de música. Depois do terremoto, eu estava tentando ir embora para cidade onde mora minha família, mas sem muito entusiasmo. Sabia que se esperasse um pouco ia achar você. Queria cantar para você, para saber o que você ia achar da minha voz. Hoje ouvi uns amigos falando de um herói que salvou uma garota de um estuprador com um trombone. Trombone? Pensei assim: uau, o cara é uma gracinha, está vivo e virou herói! Depois, ouvi falar do recital de piano que o cara mudo da internet ia fazer. O cara que tinha aparecido na tevê. Era Padma Tosh em pessoa! E eu nem sabia que você era multi-instrumentista... Menino bonito, você sabe tocar o coração de uma garota!

Padma sorriu e quase morreu de vergonha e alegria ao mesmo tempo. A moça chegou perto e deu um beijo demorado na bochecha do rapaz. O coração dele quase parou. Padma retribuiu com um belo som no trombone avariado. A moça, claro, entendeu.

Cecília, Pedro, Jajá, Leopoldo, Seu Heitor haviam se aproximado e ouviram a combinação perfeita entre trombone e voz.

No meio daquele inferno que foi o terremoto, mais uma coisa boa estava acontecendo. A angústia que Padma sentia sumiu completamente.

A vida dele ganhou mil cores, ou melhor, mil sons coloridos em segundos. Ele entendeu que estava ganhando uma grande oportunidade. Sua mãe jamais iria voltar para ver o cara de sucesso que ele se tornou. Nem a tia Clotilde ia sorrir com carinho para ele outra vez. Mas, de alguma forma, no meio do desespero, da tristeza e da dificuldade, as coisas se encaixaram.

A moça de voz linda foi a pecinha que completou o quebra-cabeças. Uma nova família se formou por pessoas atingidas pela tragédia, mas que foram tocadas e confortadas pela música de Padma. Nessa nova vida, o rapaz tinha tudo para se destacar, ser percebido, amado e admirado.

Padma sorriu, percebeu que tinha se livrado para sempre da sina do mudinho frágil, deficiente. Agora ele era um músico!

A linda voz quebrou o silêncio de novo. A moça era muito desinibida.

- Padma Tosh! Moço lindo do trombone. Moço lindo do piano, agora vai ter que criar raízes, não é? Piano não dá para levar para cima e para baixo... E o seu cachorro simpático descobriu um bom lugar para descansar. Ele adorou ficar embaixo do piano. Eu vi o show. Tem lugar para mim nessa história também?

Padma, com toda a energia do mundo, fez que sim com a cabeça. E o Rabugento, quem diria, abanou o rabo e lambeu as mãos da moça. Ela olhou para o grupo de amigos do Padma que estava assistindo à paquera.

- Vocês são amigos do Padma?

Cecília, sorrindo, percebeu que a garota era muito importante para o amigo e apresentou todo mundo.

- Que voz linda você tem! Nossa, parece profissional. De onde você conhece o Padma?

- Da outra vida dele, anterior ao desastre. Quando ele era músico de rua. O melhor que já ouvi. E olha que ouço muito. Sou cantora, sim, e faço faculdade de música. Eu cantava em vários estabelecimentos e sempre quis convidar o Padma para ir comigo, mas não dava. Não dava para pará-lo. Eu ficava hipnotizada e achava injusto fazer ele parar de tocar. Eu amo o som dele. Nessa de esperar o momento certo para falar com ele, perdi a chance. Até agora!

Cecília riu e aprovou o jeitinho extrovertido da garota de voz linda.

- Agora você compensa...

- É verdade! E eu não sei nada da vida dele.

- Ninguém sabe...

- É... Mas tenho certeza que o Padma vai dar um jeito de contar. Ou melhor, de TOCAR, não é menino bonito?

O papo continuou animado...

Uma nova história estava começando ali.



FIM.



Acesse o audiobook neste link:

<https://melhoresdias.org.br/programas/o-trombone/>



Sobre o autor

James Capelli é jornalista. Trabalhou como repórter, apresentador, diretor e roteirista nas principais emissoras de televisão de São Paulo. Também cria personagens e roteiros para desenhos animados e livros voltados para público infantil, infantojuvenil e adulto. Com o Instituto Melhores Dias, o autor lançou o livro *O Pinguinho*, distribuído em redes públicas de ensino. Agora repete a experiência com *O Trombone*, texto que foi escrito para seu filho, que ama se expressar por meio da música. Além de escritor, James também é professor de Judô na Associação Sensei Suga, sem fins lucrativos.

Estudo do personagem Padma feito pela ilustradora Pri Santos







O Trombone relata a história de Padma, um garoto que nasceu completamente mudo e que, graças à dedicação de uma professora, descobre um talento nato para a música e passa a se expressar por meio de um instrumento musical para superar as dificuldades de comunicação. Uma grande tragédia atinge a cidade onde Padma vive: um forte terremoto causa extensa destruição e faz milhares de vítimas. Com apoio de novos amigos e a companhia do inseparável cão Rabugento, ele compreende que a vida é repleta de dificuldades e usa seu talento musical para superá-las.

APRESENTAÇÃO

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO

